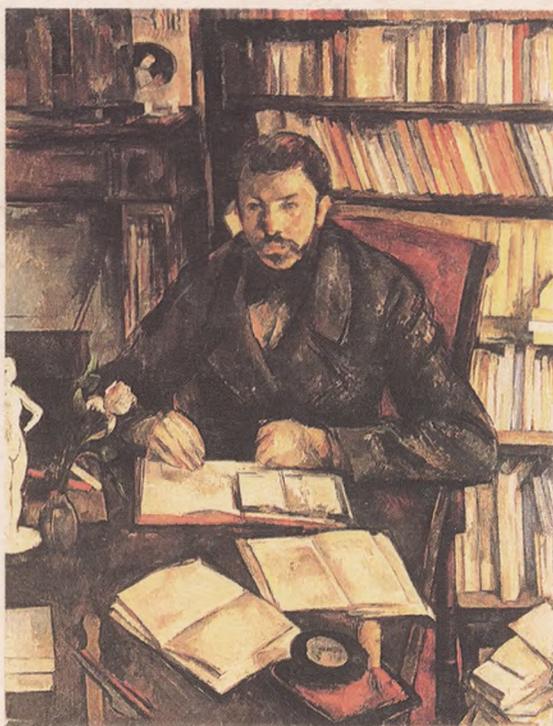


REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



HISTÓRIA E LITERATURA

VOLUME 21, 2000

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ABEL BOTELHO QUADROS DE PATOLOGIA SOCIAL

"A Natureza é sempre nua; nua é a verdade, nua a inocência. Detesto tanto o que é falso, como me repugna o que é feio".

Abel Botelho, *O Livro de Alda*

L Introdução

Militar de carreira, estudante da escola Politécnica e escritor dos finais do século XIX e inícios do século XX, Abel Botelho (1856-1917) não só assumiu a ideologia cientista que dominava o panorama intelectual finissecular, como publicou uma vasta obra literária modelada, em boa parte, pela estética naturalista. Não sendo um criador sujeito à ortodoxia de uma escola - o NaturalismoO) - que não chegaria a assimilar completamente, exprimiu, nos seus romances, a influência romântica especialmente através de Camilo Castelo *

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de História da Sociedade e da Cultura.

(1) A ideologia cientista "invadiu" os domínios da arte nas suas versões realista e naturalista. No Naturalismo as obras literárias surgem "como uma espécie de ilustração de teses científicas". Fernando Catroga e Paulo A. M. Archer de Carvalho, *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, p. 228.

Branco como foi justamente sublinhado por Joel Serrão⁽²⁾. Como era dotado de um temperamento romântico facilmente aderiu às motivações desta estesia caldeada com a influência de Eça de Queiroz e da escola de Zola⁽³⁾. Injustamente esquecido, ou pouco lembrado pelos historiadores em geral, expressou, nos seus romances, a linguagem cientista ou pseudo-cientista muito usada na literatura dos finais do século XIX⁽⁴⁾. O recurso a esta linguagem revela o impacto do novo paradigma cultural que, como se sabe, trouxe consigo uma crença inabalável no valor da Ciência. Assim, ao definir a sociedade como um organismo e aceitando a ideia de evolução, os intelectuais decadentistas estabeleciam uma analogia entre a natureza e a realidade social. Por isso, a doença e a morte da sociedade eram factos tão naturais como os que ocorriam em outros organismos vivos.

No entanto, ao viver um período de transição definido por diversos intelectuais positivistas como uma fase caracterizada por uma crise moral da sociedade, Botelho acabaria por desempenhar o ofício do sociólogo e / ou do médico, que via a sociedade do seu tempo como estando a atravessar um momento patológico. Estaria Abel Botelho a fazer uma análise correcta? A nós parece-nos que a

(2) Cf. Joel Serrão, *Temas Oitocentistas - II*, Lisboa, Portugália Editora, s. d., p. 124. Sobre a estética e os mentores do Naturalismo cf. Maria Aparecida Ribeiro, "Realismo e Naturalismo", *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VI, Coord. de Carlos Reis, Lisboa, Editorial Verbo, 1994, pp. 274-313.

(3) De acordo com Maria Saraiva de Jesus "o impacto do Realismo e do Naturalismo, em especial das obras de Eça de Queiroz e Zola, impulsionaram Abel Botelho a criar a *Patologia Social*", Maria Saraiva de Jesus, "Abel Botelho", in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 1, Lisboa/S. Paulo, 1995, p. 722.

(4) Segundo Maria Manuela Tavares Ribeiro o estudo "científico" da realidade, "a análise dos comportamentos", a "anatomia do carácter" e a procura "do belo na verdade, típicos do romance realista-naturalista", dão-lhe uma função voluntarista traduzida numa intervenção na sociedade "revolucionária", "isto é, uma escola de verosimilhança que desempenharia uma missão altamente educadora". E a autora conclui o seu raciocínio ao interrogar-se: "não haverá, todavia, uma contradição entre esse princípio da arte - misto de verosimilhança e de científico - e as obras que moldam a realidade e prédefinem as personagens?". Maria Manuela Tavares Ribeiro, "Livros e Leituras no Século XIX", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol. 20, 1999, p. 227.

"patologia social" (5) apenas existia na mente dos pensadores finisseculares. Na verdade, entre meados do século XIX e 1890, a economia portuguesa atravessara um período de crescimento sem paralelo na nossa história e, após a crise do *Ultimatum*(6) e da revolta do 31 de Janeiro de 1891, continuou a desenvolver-se. Ao deleitar-se com a observação do estado agónico da civilização burguesa, o nosso escritor revela uma "visão falseada" da realidade sociológica da época. Por outro lado, reassumindo o tema da decadência, colocava-se na linha de intelectuais oitocentistas como Alexandre Herculano, Henriques Nogueira, Antero de Quental, Oliveira Martins e Silva Cordeiro que já tinham apontado a necessidade de uma regeneração nacional para superar a crise da sociedade(7).

A intenção de Abel Botelho foi a de escrever uma obra cíclica em cinco romances inspirada em princípios de natureza estética e científica expostos no "Prólogo-programa" da segunda Edição de *O Barão de Lavos* (1898): "Por três modos diferentes se pode manifestar e exercitar a actividade humana, objectiva e psíquica. Dentro de três fórmulas fundamentais se encerra todo o campo de acção da nossa individualidade, do nosso ipseísmo, do nosso modo de ser social e íntimo. De três sortes de faculdades, apenas, depende a solução do problema da nossa vida: - faculdades de sentimento, de pensamento e de acção.

(5) Após o *Ultimatum* voltou a falar-se da "decadência fisiológica da raça portuguesa" e apareceu um conjunto de médicos como Samuel Maia, Alfredo da Costa e Ricardo Jorge que denunciavam a inferioridade física da população portuguesa ao mesmo tempo que propunham medidas para alterar a situação. Veja-se Irene Maria Vaquinhas, "O Conceito de Decadência Fisiológica da Raça e o Desenvolvimento do Desporto em Portugal (Finais do século XIX/Princípios do século XX)", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol. 14, 1992, pp. 365-387.

(6) Sobre este acontecimento cf. Amadeu Carvalho Homem, "O Ultimatum inglês de 1890 e a Opinião Pública", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol. 14, 1992, pp. 281-292 e Nuno Severiano Teixeira, "Política externa e política interna no Portugal de 1890: o Ultimatum Inglês", *Análise Social*, Lisboa, n.º 98, 1987, pp. 687-719.

(7) Associado ao decadentismo surgia, em Botelho, o pessimismo, embora se vislumbrem também alguns "sinais de esperança" traduzidos numa "vaga imagem" de uma república ideal. Maria Saraiva de Jesus, *ob. cit.*, p. 723.

Quando o valor de todas três é igual, ou pelo menos equivalente, no modalismo orgânico de um indivíduo, este realiza o tipo fisiológico, banal, sem interesse para o meu ponto de vista. O predomínio, porém, de qualquer dessas faculdades, no doseamento dum carácter, origina desequilíbrios, aberrações e anomalismos patológicos, os quais fazem o objecto dos estudos dessa minha série de romances. O *Barão de Lavos*, e O *Livro de Alda* pretendem ser a análise de dois exemplares humanos tiranizados pela diátese das faculdades afectivas, - o caso mais comum. Nos romances seguintes procurarei dar o traslado pitoresco de caracteres em que, ainda essa e as duas outras ordens de faculdades predominem.

Eis em duas palavras a génese, o pensamento inicial da série dos meus romances sobre Patologia Social⁽⁸⁾.

Como se conclui, com a leitura desta passagem fundamental, os factores fisiológicos e o seu desequilíbrio foram determinantes para a criação das personagens das obras de Abel Botelho. Segundo o escritor, a raça, a hereditariedade, a educação e o meio, funcionavam como elementos determinantes para explicar a acção do individuo numa sociedade interinfluenciada pelos seres que a compunham. Os desvios funcionais interessavam especialmente o autor, numa estratégia romanesca baseada na explicação da crise patológica dos indivíduos. Assim, o barão é o exemplo do desvio afectivo e fisiológico da homossexualidade, Alda ilustra a prostituição⁽⁹⁾, D. Isabel, de *Fatal Dilmia*, exemplifica a histeria, enquanto o protagonista de *Próspero Fortuna* é um aventureiro político vindo da província e o Mateus, de *Amanhã*, é um alienado, embora surja como um portador de ideais nobres e justos⁽¹⁰⁾.

(8) Abel Botelho, *O Barão de Lavos*, 5.^a ed., Porto, Liv. Chardron, 1924, pp. VII-VIII.

(9) O tema da prostituição foi muito tratado pela literatura naturalista dos finais do século XIX. No que concerne a Abel Botelho ele liga-se às personagens que cria, contrariamente a Eça de Queiroz que se distancia dessas mesmas personagens. A visão da mulher - e não só da prostituta - presente nos romances de Botelho não se desliga da sua própria problemática pessoal, da sua personalidade complexa. Sobre este assunto leia-se, Dejanirah Couto-Potache, "Les Origines du Féminisme au Portugal", in *Utopie et Socialisme au Portugal au XIXe Siècle. Actes du Colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1982, p. 461.

(10) Maria Helena Santana e Maria João Simões, *ob. cit.*, pp. 189-190; Massaud Moisés, A "Patologia Social" de Abel Botelho, São Paulo, Fac. de Filosofia, Ciências e Letras da Univ. de S. Paulo, 1962, pp. 22-24.

Tratando-se de um criador literário não é nossa intenção estudar a estética presente nos seus romances nem descobrir as influências literárias de outros escritores nas suas obras. Apesar disso, convém dizer que Botelho assimilou, ainda que superficialmente, as ideias de Lamarck, C. Bernard, Darwin, Spencer e Taine. Aliás, este estudo, já se encontra, em boa parte, feito⁽¹⁾- O nosso objectivo é antes o de utilizar os seus romances como fonte histórica⁽²⁾, não deixando, no entanto, de explicar, ainda que resumidamente, as intrigas tecidas pelo autor em cada um dos romances. Nesta perspectiva, procura-se captar elementos de natureza sociológica, cultural e mental que nos ajudem a compreender as duas últimas décadas do regime monárquico-constitucional.

(1) Para o conhecimento de alguns dos aspectos da estesia de Botelho veja-se, Maria Saraiva de Jesus, "Erotismo decadentista e moralismo romântico n'O livro de Alda de Abel Botelho", *Diacrítica*, Braga, nº 6, 1991; Maria Helena Santana e Maria João Simões, "Realismo e químera no ideal científico finissecular: Abel Botelho e Teixeira de Queirós", *Idem, ibidem*.

C?) Como sublinhou M. Fátima Bonifácio, a história e a literatura são duas expressões literárias próximas, embora o seu estatuto seja diferente. O romance, livre do constrangimento da prova documental, exprime o carácter inventivo do escritor e procura apresentar-se como obra de arte. Ao invés, a história adquire uma dimensão crítica ao tentar encontrar respostas para as suas perguntas nos documentos lidos criticamente. A nosso ver, a obra de ficção pode ser utilizada como uma base documental, embora específica. Dir-se-á que a literatura brotando da criatividade do escritor manifesta uma carga subjectiva que não se encontra em fontes manuscritas, por exemplo. Porém, perguntemos: a criatividade literária não nasce a partir de um contexto histórico bem concreto? Pode o romancista inventar a sua intriga abstraído-se da realidade social em que se encontra inserido? As personagens inventadas não emergem a partir da observação crítica da realidade sociológica por parte do autor? Em todo o caso, a criação literária, como qualquer outra expressão artística, pressupõe uma dose de imaginação por parte do romancista. Por isso, ele não fotografa a realidade, mas interpreta-a à luz de razões éticas e estéticas. Tentando perceber a cosmovisão do escritor, o historiador deve utilizar a literatura para compreender a realidade sociológica, as crenças e mentalidades, as ideias, etc. Julgamos que a literatura, na sua particularidade, pode ser usada como fonte historiográfica como outros documentos, embora o historiador deva ter em especial atenção que o romance é produto do imaginário do seu autor, a partir de uma dada realidade social e cultural. Cf. M. Fátima Bonifácio, *Apologia da História Política. Estudos sobre o Século XIX Português*, Lisboa, Quetzal Editores, 1999,

2. A "degenerescência física" da sociedade finisseciilar

Visto no século XIX como um "mal necessário", o fenómeno da prostituição tinha-se desenvolvido bastante nesta centúria, particularmente em Lisboa, cidade onde exerciam a profissão 1.175 toleradas⁽¹³⁾ e alguns milhares de clandestinas em 1897. Ora, para Abel Botelho, a meretriz era uma figura caracterizada por desequilíbrios fisiológicos, logo era natural que o escritor se interessasse por este grupo social. Segundo o romancista, exerciam a prostituição regulamentada, na capital, 2.000 mulheres, enquanto mais de 6.000, se entregavam à prostituição clandestina (1898)⁽¹⁴⁾. Julgamos que haverá um certo exagero nestes números. Em todo o caso, o fenómeno, comum a outros países da Europa, tinha relevância social nos finais do século XIX e era um dos sintomas da crise social que o país atravessava. Em algumas das suas obras não só aparecem figuras de prostitutas (ex. n.º ' *O livro de Alda* e em *o Próspero Fortuna*) como são descritos lupanares, geralmente dirigidos por prostitutas espanholas, frequentados pela classe política decadente (deputados, conselheiros, condes e duques), por jornalistas e por outras figuras mais ou menos corrompidas da elite social⁽¹⁵⁾. Foi, aliás, na intimidade do prostíbulo da rua de S. Roque que Próspero Fortuna, arrivista recém-chegado da província, fez a sua aprendizagem política com os "magnates de Lisboa"⁽¹⁶⁾. "Inviolado asilo de prazer", "centro político e intelectual", local onde "se decidem os destinos do país" e onde

pp. 119-120; Maria Alicia Langa Laorga, "Eça de Queiroz y la Sociedad Portuguesa del Ultimo Tercio del Siglo XIX", *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, T. XXXII, 1997/1998, pp. 428-430. Para o alargamento dos conhecimentos da relação entre história e ficção numa perspectiva mais teórica cf. Paul Ricoeur, *Temps e Récit. Le Temps Raconté*, T. 3, Paris, Éditions du Seuil, 1985, pp. 329-348; Sobre a poética da historia cf. Hayden White, *Metahistoria. La Imaginación Histórica en la Europa del Siglo XIX*, México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

⁰³⁾ Angelo Fonseca, *Da Prostituição em Portugal*, Porto, Typographia Occidental, 1902, p. 40.

⁰⁴⁾ Abel Botelho, *O Livro de Alda*, 2.ª ed., Porto, Livraria Chardron, s. d., p. 299.

⁰⁵⁾ *Idem*, *Próspero Fortuna*, Porto Livraria Chardron, 1910, pp. 39-83.

⁰⁶⁾ Óscar Lopes, *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

reside "a soberania nacional", o bordel funcionava como lugar de transgressão sexual e de discussão política entre aristocratas e burgueses. Nas suas descrições, o escritor explora o erotismo decadentista visível neste lugar do vício qualificando-o como um "libidinoso e adorável paraíso", "uma casa autêntica de prazer" que atraía membros da elite social marcados pela patologia.

Creemos que foi na obra deste escritor que, pela primeira vez, surgiu como tema na literatura portuguesa o fenómeno da prostituição masculina e feminina como se comprova com a figura de Alda. Como sempre, Botelho explica o comportamento dos seus personagens por desvios psico-fisiológicos resultantes da herança genética, do meio, da educação e das circunstâncias históricas⁽¹⁷⁾. Nascida no vale do Douro, órfã de mãe, filha de um padre e subordinada a um tio e tutor malévolo, Alda fugiu de casa e foi para o Porto, cidade onde circunstâncias várias a levaram à prostituição, prática que viria a exercer depois em Lisboa. Matriculada aos 15 anos⁽¹⁸⁾ sofreu as contingências, mais tardias, de uma vida social marcada pela frequência dos meios teatrais e dos prostíbulos da capital. Alda era portadora de uma "disfunção nervosa" que a levava a procurar situações vivenciais inéditas numa cidade tingida por uma sensualidade frenética típica do decadentismo finissecular. O seu encontro com Mário e a consumação sexual de um desejo mútuo revelava uma hipersensibilidade resultante da patologia das "faculdades afectivas" dos dois seres⁽¹⁹⁾. A história de Alda, semelhante à de inúmeras prostitutas dessa época, explicava uma vida inspirada pela obsessão da realização de desejos eróticos que colidiam com os

O7) Maria Saraiva de Jesus, *ob. cit.*, p. 147.

C8) Trabalhando numa casa de tolerância Alda acabaria por ser vítima do "sistema" dado que era explorada pela dona da casa, pelos vendedores de artigos diversos e pelas próprias colegas que lhe pediam dinheiro. Este fenómeno era corrente nos bordéis da altura. Leia-se Abel Botelho, *O Livro de Alda*, 2.ª ed., Porto, 1898, p. 217.

⁽¹⁹⁾ Segundo Securas, personagem secundária da obra, Mário atravessava "uma crise patológica aquela de cuja cronicidade derivou esta miserável ruína de minha vida...". Securas era um grande conhecedor dos meios teatrais e dos lupanares da capital. Por isso, afirmava que adquirira "a posse absoluta e completa de todos os segredos da plastica feminina". Abel Botelho, *ob. cit.*, pp. 163-165.

valores morais da burguesia decadente. Ao moralismo burguês opunha Botelho, através do narrador, uma moral baseada nas 'deus naturais', o que significava a coincidência dos actos individuais com o próprio desejo. Mulher desprotegida, Aida fora "vítima" da hereditariedade, das contingências, do meio e de uma educação deficiente. Moldada pelos instintos e pelas emoções, não deixava de revelar a decadência física comum a outras figuras - "A sua minúscula e délfica figura, a sua derrancada plástica de decadente..." - comum ao próprio ambiente do prédio "esguio e negro como um ventre de velha chaminé derruída" em que habitava no Bairro Alto⁽²⁰⁾. Segundo Abel Botelho era nesta área da capital que se localizava a "geografia do vício" de uma sociedade imersa na "lúxuria" e no "pecado". Na verdade, muitos bordéis regulamentados pelo poder político funcionavam nesta zona da cidade tal como a prostituição de rua.

Alda sofria a tirania da "diátese" das faculdades afectivas. Para Abel Botelho, "chegava a parecer insexual" com "o seu corpo andrógino e fresco". "Com as suas duas tétas grandes espetadas, aquela mulher esguia e frágil era um símbolo; sem elas seria uma pobre figurita, doentia e efémera. Assim era uma irreprimível tentação; doutra forma seria um desagradável exemplar abortivo", "um interessante caso de hospital" ⁽²¹⁾. Os enormes seios contrastavam com a fragilidade do seu corpo e exemplificavam a degenerescência física da sociedade finissecularp). Apesar disso, o escritor deixava de dar uma imagem parcialmente positiva da prostituta: assim o narrador (Mário) ao referir-se a Alda dizia "que a minha amantesita de ocasião era uma pura delícia, um poema inédito de prazer, o verdadeiro transunto ideal da graça e da beleza! - Miudita e franzina [...] como já mais de uma vez te disse, não a opulentavam as redundâncias habituais do sexo, antes parecia o seu corpo, - tão fartamente prostituído, - a fria carne duma virgem elegantizada a poder de abstinência e castidade'^⁽²³⁾). Dotada, segundo o autor, de um cérebro mais pequeno do que o do homem, Alda agia sob o impulso

⁽²⁰⁾ *Idem, ibidem*, p. 26. A casa onde vivia Alda com "uma velha alcove ta" revelava todo um ambiente decadente somente contrariado pelas características do "camarim de uma mulher de prazer". *Idem, ibidem*, pp. 36-39.

⁽²¹⁾ Abel Botelho, *ob. cit.*, pp. 42-43.

⁽²²⁾ Maria Helena Santana e Maria João Simões, *ob. cit.*, p. 155.

⁽²³⁾ Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 41.

dos seus instintos e das suas emoções. Sendo um caso evidente de histeria⁽²⁴⁾ e de ninfomania não deixa de fazer lembrar - apesar da diferença completa de situações e de estatuto social - Isabel, no *Fatal Dilema*. N'O *Livro de Alda*, o romancista descrevia ousadamente o erotismo das cenas de amor, a sexualidade pouco ortodoxa e uma atracção estética refinadamente insólita⁽²⁵⁾). Por outro lado, revelava também uma certa repulsa por aspectos que davam expressão ao decadentismo social visível em muitas das figuras por ele criadas. Pela sua decadência física tais personagens eram bem reveladoras do estado patológico que minava a sociedade.

Confessando ao amante a sua ligação com uma escultora aristocrática lésbica⁽²⁶⁾, que a sustentava, Alda revelava a sua condição ambígua e andrógina. Abel Botelho, ao caracterizá-la, afirmava que ela "corrida e enxuta de formas, chegava a parecer insexual o seu corpo andrógino e fresco"⁽²⁷⁾. Mulher fatal, contrastava

(24) Como bem analisou Maria Saraiva de Jesus a histeria não era considerada por Abel Botelho como uma doença. Pelo contrário, uma mulher "histérica" era vista como uma figura "bela, sensual, com capacidade de seduzir". Contudo, o conceito de "histérica" pressupunha a existência de uma disfunção nervosa, que levava a mulher a desejar situações inéditas, emoções fortes e práticas sexuais intensas. Maria Saraiva de Jesus, *A Representação da Mulher na Narrativa Realista-Naturalista*, Aveiro, Ed. da Autora, 1997, p. 117.

(25) Cf. *Idem*, "Erotismo Decadentista e Moralismo Romântico n'O *Livro de Alda* de Abel Botelho", *Diacrítica*, Braga, n.º 6, 1991, pp. 143-146. A autora salienta muito bem que "a vivência conflituosa desta atracção [...], os irremediáveis desastres que tais vivências acarretam à vida das personagens porta-vozes do autor, indicam também um medo quase obsessivo da frenética sensualidade que o autor atribui à sociedade finissecular e, em especial, do poder adquirido pela mulher em tal contexto". *Idem, ibidem*.

(26) Em França, a prostituta lésbica tornou-se um cliché literário entre os escritores-estetas decadentistas como Baudelaire e Gautier, os quais foram influenciados pelos estudos sobre a prostituição de Parent-Duchâtelet. Judith R. Walkowitz, "Sexualidades perigosas", in *História das Mulheres no Ocidente. O Século XIX*, vol. 4, dir. de Geneviève Fraisse e Michelle Perrot, Porto, Ed. Afrontamento, s. d., p. 433. Sendo um autor que veiculava a mesma estética, apesar das suas nuances, Abel Botelho interessou-se também pela homossexualidade feminina (e masculina) e pelo erotismo lésbico.

(27) Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 42. Segundo a análise de Maria Saraiva de Jesus "é sugestivo o facto de os seios e a língua de Alda funcionarem como

com a mulher-anjo representada por Branca⁽²⁸⁾ que, apaixonada por Mário, acabou por morrer de amor após o conhecimento da traição do seu noivo com a amante⁽²⁹⁾. À medida que o tempo decorria, Mário não resistia ao poder sedutor da sua amante que vivia intensamente a relação entre ambos. Pela capacidade de transgressão sexual, pela heterodoxia das suas práticas sexuais, pela violência erótica das imagens criadas a jovem prostituta aparecia como uma mulher essencialmente dominada pelo impulso do desejo e do prazer absoluto. Ora, tal comportamento colidia com os valores morais da civilização burguesa que se impunha, entre nós, nas derradeiras décadas do século XIX. Ao contrário, Branca - e este nome tem um significado óbvio -, não obstante a sua volúpia e sensualidade, deixava entrever uma vida calma e pacífica exigida, aliás, pela "tuberculose incipiente" herdada de sua mãe⁽³⁰⁾. Alda, que chegou a repreender o seu amante por este trair um verdadeiro "anjo", era impelida pelo desejo de alcançar a plenitude sexual com Mário⁽³¹⁾.

Na sua perversidade, a protagonista do romance acabou por abandonar Mário, colhido de surpresa com a passagem daquela num caleche com um novo amante - um rufião conhecido "dedilhando" uma guitarra - em viagem para lugar desconhecido⁽³²⁾. Tendo assistido à morte de Branca e sentido a traição da amante, Mário pensava suicidar-se, quando foi impedido, no último momento, por um amigo que acabaria por ser o portador das cartas que deram estrutura à obra. Depois de uma longa e frenética experiência sexual a "mulher de

símbolos fálicos, através dos quais se manifesta, subrepticamente, o tema da inversão entre os papéis feminino e masculino, o que de certa forma vem concordar com a sua ambígua condição de lésbica". Maria Saraiva de Jesus, "Erotismo decadentista e moralismo romântico n'0 livro de Alda de Abel Botelho", *Diacrítica*, n.º 6, 1991, p. 155.

(25) A noiva de Mário - personagem de segundo plano na obra - simbolizava, com o bem sublinhou, Maria Saraiva de Jesus, uma das duas visões da mulher no século XIX: "a imagem de Maria, virgem santíssima, modelo da boa esposa e da boa mãe". A outra visão era a de Eva, "modelo de pecadora, que induz o homem ao pecado". *idem*, *A Representação da Mulher na Narrativa Realista-Naturalista*, Aveiro, Ed. da Autora, 1997, pp. 122-123.

(29) Joel Serrão, *ob. cit.*, p. 126.

(30) Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 132.

(31) Cf. Maria Saraiva de Jesus, *ob. cit.*, pp. 123-124.

(32) Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 478.

prazer" ludibriou fatalmente o seu amante a troco de novas aventuras amorosas nascidas da hipersensibilidade de urna figura "demoníaca".

A "débil e suavíssima" Ivone era uma meretriz que trabalhava no bordel da rua de S. Roque quando conheceu Próspero Fortuna acabado de chegar a Lisboa vindo da província. Esta "loira e miudita", no "seu harmonioso afinamento plástico" ⁽³³⁾, ambicionava deixar o prostíbulo onde chegara há uma semana e, para isso, seduziu Próspero o qual, não obstante as suas crónicas dificuldades financeiras, a instalou, a expensas suas, num segundo andar da rua da Barroca no Bairro Alto⁴⁾. Órfã do pai, que se suicidara⁵⁾ por motivo do adultério da sua mãe, seria educada pelas Irmãs Hospitaleiras envolvidas em práticas eróticas com o seu padre confessor. Ivone fugiu dessa escola religiosa e encontrou-se com uma alcoviteira que lhe ofereceu casa onde conheceu um indivíduo que seria o seu mantenedor. Em breve se envolveu em múltiplas aventuras sexuais. Abandonada, seria "serviçal", em várias casas, passando depois pelo teatro até que caiu na prostituição. Fiel à sua escola literária Abel Botelho explica o fenómeno da prostituição através da hereditariedade, da influência negativa do meio social e da educação. Mulher mantida, Ivone revela a sua hipersensibilidade em intermináveis "cenos de cálido sensualismo pagão" descritas pelo autor⁶⁾. Próspero Fortuna ficaria surpreendido com Ivone a aprender inglês e com a preparação do seu enxoval. A sua esposa, Maria Luisa, acabaria por traí-lo com o seu amigo, Matias Picão que a procurou seduzir desde a sua chegada a Lisboa. Adúltera resignada, foi informada por sua irmã que o marido tinha uma amante no Bairro Alto onde passa várias horas por dia. Entretanto, Ivone fugiu para os

⁽³³⁾ *Idem, Próspero Fortuna*, Porto, Livraria Chardron, 1910, p. 286.

⁽³⁴⁾ *Idem, ibidem*, p. 295.

⁽³⁵⁾ O pai era um pobre e tristonho empregado de alfândega que resolvera acabar com a vida atirando-se ao Tejo. Sem meios económicos foi para a vala comum, "embrulhado num lençol, como qualquer anónimo vadio...". *Idem, ibidem*, p. 298.

^{P6)} Próspero não se coibiu de invocar a sua amante a Paula Esteves, um seu colega do jornal *Noticiario*. E ao fazê-lo falava da "glorificação artística do nu", do "delírio arrebatador das danças", da "petulância dela", da "sua audácia", da "sua mobilidade estonteante", e da "sua plastica divina". *Idem, ibidem*, p. 369.

Estados Unidos com Paula Esteves que, feito empresário, a levou como cançonetista e bailarina. Por este motivo, enquanto Próspero se desfazia do "libidinoso aposento da rua da Barroca" p⁷), Aires Pinto, que, como se verá, se viu forçado a partir para o Brasil, por razões políticas, comunicou ao seu amigo que vira a sua antiga amante no teatro Apolo, do Rio de Janeiro, acompanhada pelo "seu baboso raptor" p⁸). Como se vê, Abel Botelho voltou a apresentar a prostituta como um ser que ludibriava sempre o seu amante. Nesta medida, a visão que o romancista tinha da meretriz era bastante negativa.

Alda, Pilar, Ivone, Ramona, Mercedes, Consuelo, D. Romana, Conceição, Ester etc. faziam parte do imenso bas-fonds, legal ou clandestino, do meio lisboeta o qual atraía estratos sociais burgueses e aristocráticos desejosos de novos prazeres e viciados numa sociabilidade marginal. Nesses bordéis, estratos sociais da média e alta burguesias satisfaziam os seus inconfessados desejos sexuais ao mesmo tempo que desprezavam o mundo "das hospedarias do prazer barato", "furtadas ao olho da polícia". Abel Botelho não deixou de criticar implicitamente esta hipocrisia social urbanap⁹). Em virtude da sua aproximação com a realidade, Alda, enquanto "mulher pública", simbolizava bem o numeroso grupo de prostitutas da Lisboa de então. Pela sua origem social, pela subcultura que manifestavap^o), pelas suas crenças religiosas e superstição, pelos grupos sociais marginais com quem se relacionava⁽⁴¹⁾, esta meretriz era bem um exemplo do "tipo" de prostituição que povoava o cenário urbano lisboeta. O mesmo acontecia, aliás, com Ivone, apesar desta ser apenas uma figura secundária de um romance de largo fôlego. Para os historiadores, estas

P⁷) *Idem, ibidem*, p. 540.

P⁸) Aires Pinto rematava: "Pelos modos, tinham vindo meio corridos de Nova-York"⁷. *Idem, ibidem*, p. 549.

P⁹) Massaud Moisés, *ob. cit.*, p. 68.

P^o) Tal era perceptível na linguagem que usava muito marcada por plebéismos, pelo recurso ao "calão rasteiro e soez, não isento por vezes de pitoresco, e a que certas predilecções obscenas traziam um travo de canalhismo especial". Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 185.

(41) A sua maior amiga era Amália uma "escultural e perturbadora morena, rija, redonda" que a iniciara na prostituição e que, agora, tinha uma casa clandestina em Lisboa. Religiosa, como quase todas as prostitutas, era uma católica praticante. Para a vida social, Alda tinha uma outra amiga, a D. Euleutéria que pertencia "à aristocracia do vício". *Idem, ibidem*, pp. 310-311.

personagens romanescas, pela sua verosimilhança funcionam como um excelente instrumento para o conhecimento do fenómeno da prostituição urbana da capital dos finais do século XIX e dos inícios do século XX. Abel Botelho conheceu, muito provavelmente, a Lisboa das sexualidades perigosas. Daí a inspiração para a criação de algumas das personagens dos seus romances.

Na verdade, o autor denunciou uma sociedade atingida por desequilíbrios fatais num fim de século caracterizado pela crise e até pela degenerescência⁽⁴²⁾. Nesta perspectiva, a realidade social poderia ser vista como um vasto hospital repleto de uma "gafa população" sujeita a "desequilíbrios, aberrações e anormalismo". O escritor tinha prazer ao observar esta sociedade patológica que, segundo pensava, parecia caminhar para uma completa ruína. E, de tal forma era a sua visão da vida social que concluía: "Abandonamo-nos à corrente: uns suicidam-se, outros prostituem-se"⁽⁴³⁾. Contudo, dever-se-á afirmar que Abel Botelho não tinha uma perspectiva correcta da sociedade do seu tempo. A realidade social não poderia ser dividida entre os bons e os puros de um lado (a Branca d'O *Livro de Alda* e a Susana de *Fatal Dilema*, que morrem de amor ou de vergonha, o Mateus de *Amanhã* e Aires Pinto de *Próspero Fortuna*),^(*) e a "escumalha" do outro (a prostituta, o pederasta, a adúltera, os políticos ambiciosos, o padre licencioso e os operários) como muito bem salientou Joel Serrão⁽⁴⁵⁾. Como se conclui, ao ler a sua obra, os estratos médios estão ausentes, facto que reflecte uma opção crítica do autor traduzida na abordagem dicotómica entre as classes altas e as camadas mais baixas da sociedade. Daqui resultava uma contradição social descrita no romance *Amanhã* como a expressão da luta de classes.

⁽⁴²⁾ Maria Helena Santana e Maria João Simões, *ob. cit.*, p. 191.

⁽⁴³⁾ *Idem, ibidem*, p. 373.

⁽⁴⁴⁾ Mateus, como se verá, era um revolucionário de feição anarquista enquanto Aires Pinto nos aparece como um republicano com uma vida miserável. Segundo Joel Serrão "[...] estas personagens exprimem, muito verosimilmente, as ideias e sentimentos do próprio autor". Na verdade, a sua luta tinha como objectivo a substituição do sistema político-social vigente por uma nova forma de organização da política e da sociedade no sentido humanitário. Reflectindo sobre estas personagens interrogava-se o historiador: "o caminho do anarquismo ao ideal republicano não terá sido a própria rota de Abel Botelho?". Joel Serrão, *ob. cit.*, p. 127.

⁽⁴⁵⁾ *Idem, ibidem*, pp. 126-127.

A observação e a crítica social de Abel Botelho incidia sobre a aristocracia tradicional lisboeta, sobre certos estratos da burguesia e sobre o clero. Partindo de uma posição ideológica pequeno-burguesa, positivista, republicana e anticlerical, o autor procura captar as anormalidades sociais visíveis "no maravilhoso demoníaco da sordidez, do vício e da alucinação delirante" das suas personagens⁽⁴⁶⁾. O barão de Lavos, escravo da sua pederastia, vivia uma situação insólita ao ter um jovem amante que acabaria por partilhar com a própria mulher (Elvira). Apresentado como produto da "diátese" das faculdades afectivas resultantes das ligações consanguíneas dos seus antepassados, acabará por cair numa completa miséria física e moral ao arrastar-se pelas ruas de Lisboa até à morte ocorrida na sequência de uma ruidosa assuada levada a cabo por uma "chusma de gaiatos" ⁽⁴⁷⁾ em frente de um teatro de revistas⁽⁴⁸⁾. A hereditariedade funcionava, neste caso, como um dos factores condicionantes da vida patológica do barão. Ele próprio reconhece: "eu, o resíduo de umas poucas gerações, o fermento pútrido da decomposição secular de uma família...". O seu desvio fisiológico levava-o a sentir-se adaptado "a todas as vis aberrações da carne"⁽⁴⁹⁾. Sendo um esteta, Botelho vivia obcecado pelo belo e particularmente pelo nu. Tal obsessão decorria de uma hipersensibilidade transposta para as personagens que o autor criou, como acontecia, neste caso com a figura do barão que, no decurso da obra, foi revelando uma tendência para a ruína física, moral e mental.

Envolvido no vício abjecto e no desregramento dos comportamentos, esta figura revela a atracção que Abel Botelho sentia pelas anomalias, pelo doentio e por situações excêntricas muito à maneira da estética naturalista. Inicialmente martirizado pela dialéctica do desejo e da moral, acabará por superar a contradição sujeitando-se unicamente ao impulso dos sentidos. Para satisfazer os seus apetites carnis e a sua sensibilidade estética dispunha de um segundo andar num prédio situado no Bairro Alto onde costumava levar jovens dos dois sexos. No primeiro andar deste edifício

⁽⁴⁶⁾ Óscar Lopes, *ob. cit.*, pp. 164-165.

⁽⁴⁷⁾ Completamente descreditado o barão caíra no lamaçal da marginalidade social que lhe chamava depreciativamente *Pinguinhcis*. Cf. Abel Botelho, *O Barão de Lavos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1983, pp. 320-322.

⁽⁴⁸⁾ *Idem, ibidem*, p. 165.

⁽⁴⁹⁾ Cit. por Maria Helena Santana e Maria João Simões, *ob. cit.*, p. 190.

funcionava um bordel tolerado e regulamentado, a partir do qual "meninas de batas brancas convidavam [...] os janotas que passavam a entrar" p).

Junto aos teatros e ao circo da capital o barão, subjugado ao desejo obstinado, procurava os rapazes comparando-os, confrontando-os e escolhendo-os. Comportava-se, assim, como "um noctívago caçador de efebos" não se sabendo bem "se tiranizado por um vício secreto, se esmagado por uma feroz melancolia"⁽⁵¹⁾. Foi nesse espaço que conheceu Eugênio, um jovem rapaz da rua que acabaria por aceitar as propostas sodomitas do barão o qual, no seu "entusiasmo de artista", desenhava a nudez do corpo do rapaz. E de tal forma cresceu o fascínio doentio por "esse maltrapilho adventício das ruas"⁽⁵²⁾ que este acabou por aceitar "ficar por sua conta". Sendo uma anormalidade fisiológica, o vício dominava o fidalgo e "fazia-lhe crescer no sangue uma obsessão de fogo..."⁽⁵³⁾. Isto significou uma mudança completa na vida do rapaz que passou a dispor de casa, dinheiro e tempo para se dedicar a aventuras sexuais com Ester, jovem prostituta de lupanar. O escritor descreve-nos variadíssimas cenas eróticas de uma relação homossexual entre os dois. Começou aí a ruína patológica do barão "representante derradeiro" do "agonizar de uma família que vinha assim desfazer-se, pobre das últimas aberrações e das últimas baixeiras" p).

O prazer alcançado à custa das maiores e das mais surpreendentes acções, mesmo com outros rapazes, cria um sentimento de repulsa no leitor que assiste à dominação do próprio barão por Eugênio. Através do seu dinheiro, este retirou Ester do bordel onde trabalhava, alugou-lhe um segundo andar na Mouraria e tomou-a por sua conta. Tudo isto com a aceitação do barão que caminhava para a ruína económica dadas as exigências financeiras, cada vez maiores, do seu amante que o suportava apenas por interesse. A relação homossexual com esse marginal, ao ser conhecida pelas famílias aristocráticas que mantinham relações humanas com o barão, causou

⁽⁵⁰⁾ Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 7.

⁽⁵¹⁾ *Idem, ibidem*, p. 8.

⁽⁵²⁾ *Idem, ibidem*, p. 42.

P) *Idem, ibidem*, p. 72.

⁽⁵⁴⁾ *Idem, ibidem*, p. 73.

um verdadeiro escândalo nas elites sociais lisboetas. Todos ficaram surpreendidos com a sodomia do aristocrata decadente⁵⁵).

A "dissolução progressiva do seu carácter" evidenciava-se com a aceitação de Eugênio na sua própria casa. Este, não só passou frequentá-la, como, aproveitando a situação, começou a seduzir a esposa do barão. O jovem, que até então apenas conhecia a prostituição das casas de passe e da rua, sentia um enorme desejo de prostituir a fidalga. Por seu lado, Elvira, eletrizada por uma surpreendente atracção física por Eugênio, debatia-se com a insanável contradição entre o desejo carnal e os valores morais. O adultério consumou-se e a baronesa pressentiu que se estava a afundar num "pego de ignomínia" (%). Apesar disso, irresistivelmente fascinada pelo amante do seu marido e embriagada pelo prazer sexual deixava-se conduzir por esse mundo de "delícias" inesperadas que o jovem amante ousadamente lhe proporcionava. Abel Botelho explorou o erotismo das cenas, por ele próprio criadas, através do recurso a uma linguagem audaciosa. Subjugados a um amor doentio, os amantes perdiam a racionalidade e abandonavam-se ao impulso dos sentidos. Perante esta situação não nos surpreende que a baronesa também começasse a satisfazer os pedidos de dinheiro por parte do jovem.

Desconfiado, o barão acabou por surpreendê-los no seu próprio quarto e disparando um revólver não conseguiu evitar a fuga de Eugênio⁵⁷). Só mais tarde a baronesa conheceu a promiscuidade em que os três tinham vivido e a baixeza do marido. Separado de Elvira, o barão acentua o seu "naufrágio" pessoal numa viagem por Espanha e por Itália durante a qual se deixou envolver "em amores de ocasião, em aventuras de baixo preço"⁵⁸).

Uma experiência fracassada com a montagem de um atelier de fotografia-modelo no Bairro Alto dera origem a sessões de

(⁵⁵) *Idem, ibidem*, p. 137. Numa festa de aniversário da baronesa, Florindo filiava a sodomia "nas tendências aberrativas da espécie humana". E concluía "que é um factor moral da sua degenerescência, como são factores físicos a sífilis, a lepra e o espartilho". *Idem, ibidem*, p. 149.

(%) *Idem, ibidem*, p. 215.

(⁵⁷) Quando mais tarde o barão soube que Eugênio era actor numa opereta ia aos espectáculos para o admirar. Sobre o assunto veja-se, *Idem, ibidem*, pp. 287-289.

(⁵⁸) *Idem, ibidem*, p. 272.

pornografia⁽⁵⁹⁾ causadoras de novos escândalos, ampliados por alguns jornais lisboetas. Então o barão, que "tinha na alma a corrupção do século"⁽⁶⁰⁾, caiu numa situação de completa desgraça. Salvaram-no os amigos aristocratas que o alojaram, o alimentaram e lhe deram uma mesada que não chegava para as suas orgias nocturnas. Porém, afundado na miséria e na loucura, continuou a sua vida desregrada e tornou-se um verdadeiro marginal como muitos outros que povoavam a Lisboa de então. A sua degradação física acentuou-se cada vez mais. Em tal situação, acabou por sucumbir diante de uma casa de teatro da capital.

Esta obra representa e traduz a decadência da aristocracia envolvida em desvios comportamentais que escandalizavam as classes sociais dominantes. Tal era o diagnóstico de Abel Botelho sobre este fenómeno social. Sem enveredarmos por uma análise psicanálica, como a sugerida por Joel Serrão, não podemos deixar de concordar com o historiador quando este afirma que "não raro se torna necessário que certas experiências das suas personagens pertencem afinal, ao foro íntimo do atormentado autor"⁽⁶¹⁾. Sem um estudo biográfico do romancista não podemos conhecer a importância das suas experiências sociais para a criação das suas personagens. Parece-nos que a criatividade literária emerge de uma realidade transfigurada pelo inventor das palavras e das coisas descritas neste romance. Esta obra interessa à historiografia, sobretudo, para o conhecimento da visão decadentista finissecular do autor e pela recriação da homossexualidade praticada por uma personagem representativa das classes altas (aristocracia). Este fenómeno social, certamente muito diminuto, - comum aos sexos masculino e feminino (ex. Alda) - existia obviamente, mas o silêncio dos documentos não permite a sua reconstituição. Restam-nos obras como esta para o historiador ter uma visão de uma realidade opaca nessa época.

(59) Chamavam-lhe a fotografia dos quadros vivos. A obsessão do barão pelo nu levava-o a fotografar indiscretamente jovens e "rameiras", facto que afastou a clientela inicial. Falido, o atelier acabou por fechar as portas. Sobre o assunto leia-se, *Idem, ibidem*, pp. 282-286.

⁽⁶⁰⁾ *Idem, ibidem*, p. 297.

⁽⁶¹⁾ Joel Serrão, *ob. cit.*, p. 125.

3. Crise moral e império dos sentidos

Representante da estética naturalista, Abel Botelho explorava os desvios funcionais das suas personagens criadas a partir de uma concepção determinista da sociedade. Como demonstrou Machado Pires deve-se aos estudos de psicopatologia de Pinel, Lombroso e Esquirol⁽⁶²⁾ os fundamentos do romance naturalista que tendia a privilegiar as anomalias do carácter e do comportamento⁽¹⁾. A figura de D. Isabel da obra *Fatal Dilema* é bem representativa desta estética uma vez que representa uma versão da histeria do foro afectivo. Filha de uma chilena sensual (Pilar) que habitara o lupanar ilegal de D. Romana^(M), Isabel era dotada de uma "beleza deslumbrante", a qual, desde cedo, "monopolizava as atenções" dos meios aristocráticos de Lisboa especialmente quando comparecia nos espectáculos de ópera⁽⁶⁵⁾. Como Maria Luisa, de *Próspero Fortuna*, e Elvira, de *O Barão de Favos*, D. Isabel surgia como mais um caso patológico devido ao seu comportamento histérico, expressão muito usada na época⁽⁶⁶⁾. Dotada de um profundo desejo de alcançar um prazer existencial sem limites, baseado na prática sexual, Isabel pouco se importava com valores morais da época. Esta figura também fazia parte da aristocracia decadente que Abel Botelho tanto criticava. Com apenas 15 anos casara com Eusébio Garcia Penalva de 50. Acompanhando o marido, que era diplomata, viveu, durante dez anos, em algumas das

(62) Cf. A. B. Machado Pires, *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1980.

(63) Maria Helena Santana e Maria João Simões, *ob. cit.*, p. 190.

(64) Esta casa do Bairro Alto era "uma espécie de pensionato feminino, clandestina albergata de fêmeas teúdas e manteúdas por pessoas gradas e conhecidas, a quem a evidência da posição ou o cargo empolgante dos afazeres impunham como condição essencial, nos libidinosos desvios da sua existência, a maior segurança e recato. Era dos livros." Abel Botelho, *Fatal Dilema*, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1983, p. 42.

(65) Veja-se como o romancista caracteriza Isabel: "mas não era somente pelo prestígio mundanal, pela sua arrogante floração física, pelos seus predicados modelares de estampa, que D. Isabel monopolizava nesta noite as atenções, fazendo, só com mostrar-se, que passasse sem uma palma o grande duetto de soprano e tenor, que a Tetrzzini cantara divinamente". *Idem, ibidem*, p. 29.

(66) Massaud Moisés, *ob. cit.*, p. 27.

principais capitais europeias onde refinou o seu gosto pela vida mundana. No seu regresso, envolveu-se "na vida faustosa e frívola dos salões" e não faltava a "bailes, jantares diplomáticos, récitas de gala, grandes saraus de caridade, recepções, concertos"⁽⁶⁷⁾. Porém, sofria de uma "doença constitucional" que derivava de uma organização psico-biológica que estava na origem de um desejo sexual absoluto. "E esta admirável D. Isabel, natureza toda excessiva, alma fadada para os fortes lances de amor e do ódio, tinha habitualmente a expressão severa, e uma doce melancolia histérica lhe laborava o rosto pálido, elegíaco, em que apenas de relance, com uma vivacidade cínica de anjo caído, os olhos, grandes e negros, falavam petulantemente de amor..."⁽⁶⁸⁾.

Ainda casada envolvera-se no adultério com Heitor. Quando o marido morreu essa relação afectiva e doentia intensificou-se. A histeria comandava todas as outras forças e tornava a sua vida um verdadeiro drama apesar dos prazeres infundáveis que resultavam de uma relação intensa com o amante. Também neste caso, a hereditariedade, a educação e o meio social determinaram o seu desvio de comportamento. Isabel não só era prisioneira dos seus sentidos como surgia como "vítima" de uma embriaguez de amor que a levava aos limites de uma quase loucura⁽⁶⁹⁾. E, de tal modo era assim, que propôs ao amante que este casasse com sua filha recusando a trivialidade do seu próprio matrimónio. Quando Susana descobriu que a mãe tinha uma relação afectiva e sexual com Heitor adoeceu gravemente e acabou por morrer de vergonha (mulher-anjo).

⁽⁶⁷⁾ Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 49.

⁽⁶⁸⁾ *Idem, ibidem*, p. 30.

⁽⁶⁹⁾ Sobre esta "loucura" leia-se a seguinte passagem bem ilustrativa: "[...] Ah, se tu me conhecesses bem, verias que não há, não, qualquer vislumbre de doentio capricho ou desmando histérico nesta minha excessiva e desbordante maneira de sentir! Se pensasses em quanto a minha organização era fundamental e por essência irredutível ao amor, então medirias de sobra... - medir, não, porque esta minha tonteria por ti vai além de toda a medida - mas avaliarias a veemência infinita da minha adoração e do meu afecto pela maravilhosa vitória do poder que o conquistou!". E continuava: "Sei apenas que totalmente capitulei e me votei para sempre à inefável magia desse poder fenomenal e estranho, que tão deliciosamente, soube levar de vencida todo o programa arisco e arrogante do meu passado...". *Idem, ibidem*, p. 174.

Heitor tem como amigo Albano - figura secundária na obra - uftia das "personagens mais vivas que o romancista ergueu"⁽⁷⁰⁾. Esta personagem pertencia a uma escala social baixa e algo marginal. Amigo de Susana, tinha grandes sofrimentos físicos, mas procurava guardar segredo desses problemas de saúde. A sua amante (Conceição) vivia no lupanar clandestino da Consuelo, - "uma reles proxeneta de alcouce"⁽⁷¹⁾ -, mas acabaria por abandonar o Albaninho. Num derradeiro momento, Heitor visitou-o e deparou-se com o seu amigo "entrevado e pobre", numa agonia profunda, acompanhado "por uma estranha e selvática figura de mulher, pouco mais de impúbere, esguia e longa [...] que se mantinha num alheado abandono de tristeza"⁽⁷²⁾. Perante a insistência de Heitor na vinda de um médico, o seu amigo respondia que na "sua redentora peregrinação sideral, a fim de continuar o seu afinamento pela meditação e pela dor [...] a essência imaterial dum grande visionário veio encarnar-se em mim. A alma de Henri Heine anda comigo... Daí que, em todas as suas consequências torturantes, eu tenho de aceitar a fatalidade do meu destino"⁽⁷³⁾. A um grito de dor, "a Miúda" - encontrada por Albano na rua numa das últimas noites em que se arrastara pela cidade - deixou a sua atitude esfíngica junto da poltrona, desabotoou o chambre, abriu-o resoluta, com maternal decisão, aos lados, e junto de Albano, e para ele voltada, carinhosamente dobrando-se, envolveu-lhe a dura face em brasa na frescura láctea dos seios" ⁽⁷⁴⁾.

Este romance poderá ser uma das obras menos conseguidas de Abel Botelho, mas não deixa de ser um excelente quadro da vida familiar aristocrata e da decomposição deste grupo social. Moldado pela concepção estética naturalista, o romance ilustra bem as mentalidades das camadas altas da sociedade e, sobretudo, revela como o império dos sentidos determinava o comportamento social de Isabel, que vivia numa situação de limite afectivo, sensual e psicológico, em virtude das suas anomalias de carácter patológico. Apesar disso, o desejo e o erotismo surgem na obra como verdadeiras transgressões à moral dominante veiculada pelas classes sociais mais

⁽⁷⁰⁾ Joel Serrão, *ob. cit.*, p. 128.

⁽⁷¹⁾ *Idem, ibidem*, p. 295.

⁽⁷²⁾ Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 424.

⁽⁷³⁾ *Idem ibidem*, p. 426.

⁽⁷⁴⁾ *Idem, ibidem*, p. 435.

altas. Os princípios de natureza ética em ruína eram objecto da crítica por parte de um escritor que se revelava, sobretudo, como um esteta.

4. Crise moral da vida política

No quadro dos diagnósticos que Abel Botelho fez da realidade sobressai *Próspero Fortuna*, romance no qual o autor faz uma crítica à crise moral da vida política. Nesta obra perpassam as teses de Oliveira Martins e de Antero de Quental (e, em certa medida, de Alexandre Herculano) sobre a decadência nacional. Para o romancista, o país afundava-se sem que alguém pudesse evitar o descalabro geral. Segundo Aires Pinto, personagem importante do romance, "Portugal atravessa, sem dúvida, no actual momento, a sua mais escabrosa e intensa crise social, depois de Alcácer Quibir". E continuava: "Debatemo-nos logicamente na liquidação de três séculos de decadência. De hoje para amanhã, ou a emancipação ou a morte definitiva!"⁽⁷⁵⁾. Sublinhe-se que as ideias de crise e de decadência seriam retomadas por autores como Silva Cordeiro⁽⁷⁶⁾, Teixeira Bastos, Augusto Fuschini, José Bento Gomes e Basílio Teles. A crise moral da sociedade seria um dos assuntos mais debatidos pelo pensamento social finissecular⁽⁷⁷⁾. Como salientou Joel Serrão, Abel Botelho também viveu a referida crise literariamente e muito à sua maneira. Daí que o seu romance - publicado em 1910, mas cuja acção decorre nos inícios da década de 90 - reflecta a corrupção política e social das altas esferas do poder.

Para Óscar Lopes, este romance apresenta excelentes quadros colectivos que funcionam como verdadeiras reportagens: "a cerimónia lutuosa da quebra dos escudos nacionais, em Trás-os-Montes, por morte de D. Pedro V; a inauguração da linha do Douro até à Régua; o impressionante beija-mão de D. Luís, já muito doente, imposta por necessidade do partido no poder; o enterro de um chefe de partido"⁽⁷⁸⁾. Também nos parece que o autor queria

⁽⁷⁵⁾ Abel Botelho, *Próspero Fortuna*, Porto, Livraria Chardron, 1910, p. 110.

⁽⁷⁶⁾ Cf. Joaquim António da Silva Cordeiro, *A Crise em seus Aspectos Moraes. Introdução a uma biblioteca de psychologia individual e colectiva*, Coimbra, França Amado, 1896; Joel Serrão, *ob. cit.*, pp. 127-128.

⁽⁷⁷⁾ Fernando Catroga e Paulo A. M. Archer de Carvalho, *ob. cit.*, p. 257.

⁽⁷⁸⁾ Óscar Lopes, *ob. cit.*, p. 167.

esboçar as características gerais da vida política da época através de uma figura que simbolizava a situação política que o país vivia nos inícios da década de 90. A personagem criada, para esse efeito, deu o título ao romance⁽⁷⁹⁾. A intriga desenvolve-se em torno de um oportunista vindo da província e que, chegado a Lisboa, fez a sua aprendizagem política com a elite dominante num prostíbulo muito frequentado, na altura, pelas figuras influentes a nível do poder.

O protagonista era um medíocre bacharel em Direito que regressara "ao seu querido torrão pátrio" situado para lá das montanhas do Douro. Aí passara a exercer funções judiciais e contraíra matrimónio com Maria Luiza "neta de um desembargador perdulário e balofo, cuja memória deixara um rasto de jactância e dissipação⁽⁸⁰⁾". Cansado do "anonimato pelintra" e da sua vivência "no fim do mundo", Próspero queria ter, "como os outros, influência, poder, dinheiro!"⁽⁸¹⁾. Para isso, decidiu partir com a esposa para Lisboa com a ideia de "engrandecer" não importando os meios nem os processos para atingir a sua finalidade. Possuído por uma "corrosiva febre de alcançar, pela violência ou pela astúcia, pela força ou pela fraude, esse acume de evidência, do mando, da fortuna e do gozo que a sua desmesurada ambição visionava [...]"⁽⁸²⁾. Este "Hiperêmico da vontade" revelava um desvio de comportamento habitual nas personagens patológicas criadas pelo romancista.

Na sessão de inauguração da linha de caminho-de-ferro até à Régua já Próspero surpreendera a população, que acorrera a esse evento e alguns ministros que aí se tinham deslocado, com um "brilhante" discurso que a todos impressionou⁽⁸³⁾. O seu triunfo, largamente comentado na localidade, seria o ponto de partida para outras iniciativas levadas a efeito, posteriormente na capital. Depois de vender os seus bens na Régua e de ter contraído um empréstimo num banco local para suprir as suas carências materiais nos primeiros

(79) Massaud Moisés, *ob. cit.*, p. 33.

(80) Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 23.

(81) *Idem, ibidem*, p. 2.

(82) *Idem, ibidem*, p. 11.

(83) Chegado a casa redigiu uma notícia que enviou ao seu amigo Aires Pinto - um antigo companheiro de casa dos tempos de Coimbra que não chegara a acabar o curso e que era jornalista em Lisboa - com a finalidade de este a fazer publicar na imprensa. *Idem, ibidem*, pp. 34-35.

tempos na capital foi viver para Lisboa. Aí aprendeu a "bajular", a "trair" e a "chantagear" com a finalidade de ascender social e politicamente. Contudo, para chegar ao governo, teve de atravessar um longo e conturbado caminho que passou por dificuldades económicas, pela traição da sua mulher com o seu "amigo" Matias Picão e por uma relação com a amante (Ivone) que Próspero conheceu no bordel de D. Romana mal chegara à capital. Para ele, esta cidade representava o prazer, o luxo, o requinte e o gozo^{C*}). A sua visão cosmopolita da urbe não deixava de revelar uma certa estreiteza mental de um indivíduo muito marcado pela sua proveniência ruralista que a frequência da Universidade não alterara substancialmente.

Abel Botelho pretendia apresentar personagens mediócras que representassem desvios de personalidade. Ora, Próspero, adequava-se inteiramente a essa ilustração exigida pela estética naturalista. Vejamos como o romancista desenvolveu a intriga: o protagonista do romance começou por dirigir o jornal *O Noticiário*, na sequência de uma proposta de Vicente Landal, proprietário da folha monárquica. Porém, como não tinha capacidade intelectual para redigir os editoriais contratou o seu velho companheiro de Coimbra, Aires Pinto. Este jornalista encontrava-se numa difícil situação material e, por isso, aceitou o desafio de escrever diariamente o "artigo de fundo". Filosoficamente era um positivista comtiano e politicamente assumia o lado polémico, revolucionário, representado pelas ideias republicanas. Tendo uma visão decadentista da sociedade do seu tempo, acreditava nos efeitos da propaganda política no processo de regeneração do país. Jacobino, assumia uma posição crítica em relação ao modo como a sociedade estava organizada⁽⁸⁵⁾. Nesta perspectiva defendia uma doutrinação popular que levasse a um amadurecimento da consciência social até à realização de uma transformação política e social. "A revolução não a podemos nós fazer por enquanto, porque há quatro milhões de analfabetos, que os governos movem como bem querem. Torna-se por

⁽⁸⁴⁾ Massaud Moisés, *ob. cit.*, p. 35.

⁽⁸⁵⁾ Sobre este assunto comentava Aires Pinto para Próspero: "A organização da sociedade actual, meu amigo, está minada de vícios estruturais, cheia de crueldades de ordem legal e de ordem moral, e sobretudo é revoltante pelas suas injustiças económicas. É uma sociedade ainda sem liberdade, sem igualdade, e portanto iníqua". *Idem, ibidem*, p. 115.

isso indispensável, primeiro doutrinar...⁸⁶). E, foi nessa difusão de ideias, que o jornalista se lançou, embora lhe estivesse interdita a divulgação da ideologia republicana no jornal afecto à monarquia. Inicialmente o êxito do diário foi grande e Próspero colheu o benefício social do "brilhantismo" desses artigos que os senhores do poder julgavam ser da sua autoria. Confrontada com a mediocridade geral, a classe política ficou encantada com o aparecimento deste ideólogo e Landal aproveitava todas as ocasiões para apresentar o arrivista como "o mais prometedor talento da sua geração em Coimbra"⁸⁷). Todavia, com o decurso do tempo, os artigos foram-se tornando mais radicais e, quando o rei (D. Luís) faleceu, Aires Pinto escreveu "um epitáfio implacável" intitulado "Morreu a tempo...". Este texto provocou escândalo entre os leitores monárquicos e o proprietário do jornal, vendo diminuir o número de assinantes, interpelou Próspero pelo sucedido. Porém, este evitou falar no assunto ao verdadeiro autor dos textos jornalísticos. No seu idealismo revolucionário, o verdadeiro articulista aproveitou a sua colaboração no diário para desferir fortes ataques contra a monarquia e a Igreja. No sentido positivo sugeria um republicanismo caldeado com ideias socialistas de cariz utópico.

O romance de Abel Botelho não deixa de revelar algumas características ensaísticas já que o escritor discutia os grandes temas da actualidade política e social. Julgamos, aliás, que Botelho fez da figura de Aires Pinto o porta-voz das suas ideias. As alusões históricas são evidentes, sobretudo, na crítica aos partidos rotativistas, à corrupção política, à incompetência e incapacidade da elite dominante para resolver a grave crise em que o país se encontrava mergulhado nos inícios da década de 90. Parecia que a nação se encaminhava para uma catástrofe que urgia evitar salvando-a a tempo. Vista como um organismo, a sociedade estava doente e poderia, como os outros organismos morrer se não fossem tomadas medidas políticas que alterassem o rumo dos acontecimentos. Na sua óptica não era fácil mudar de direcção já que a classe dominante,

⁽⁸⁶⁾ *Idem, ibidem*, p. 112. Assumindo a ideia de evolução Aires Pinto afirmava que "nem as revoluções rompem de improviso, nem as grandes transformações sociais podem ser filhas dum capricho. É o corolário fatal da evolução que rege todos os fenómenos conhecidos. Gradativamente havemos de caminhar...". *Idem, ibidem*.

⁽⁸⁷⁾ *Idem, ibidem*, p. 152.

corrompida e sem visão estratégica, estava prisioneira da mesquinhez política e dos interesses pessoais imediatos dos seus membros. Nos artigos de Aires Pinto criticava "a miopia interesseira dos chefes políticos", "o mesquinho egoísmo dos partidos"⁸⁸) e a própria Igreja católica: "como corolário natural aí vinha a Igreja, essa inimiga contumaz da civilização, tirar partido do obscurantismo preponderante, da cegueira oportunista dos dirigentes e da envilecida sujeição das classes"⁸⁹). Na sua linha de combate ideológico, à boa maneira republicana, o autor tinha também como alvo o romanismo visto que impediria a realização do progresso humano. Opondo-se à cosmovisão católica e, em consonância com o cientismo, defendia a difusão de uma cultura racionalista necessária à formação de cidadãos livres e responsáveis. Neste sentido afirmava: "De sorte que a organização social não melhorará senão quando tenhamos sacudido as algemas da Igreja e conseguido elevar, por meio duma cultura científica universalmente espalhada e racionalmente distribuída, os conhecimentos dos cidadãos no que se refere ao mundo e ao homem, na engrenagem natural de suas mútuas relações e na lógica estrutural da sua essência"⁹⁰). Entendendo que o Estado e a Igreja eram responsáveis pela crise da sociedade, Abel Botelho atacava as duas instituições e o próprio clero pela sua influência nociva nos meios sociais. Para além disso, não perdoava a alguns homens públicos, verdadeiros modelos da corrupção política.

Como já foi justamente salientado, Botelho afastava-se, por vezes, da sua actividade de Accionista para escrever pequenos trechos de pendor ensaístico. Dada a importância adquirida pela questão do

(88) *Idem, ibidem*, p. 179. Ao reflectir sobre este problema afirmava o escritor: "Os interesses políticos são egoístas, são mesquinhos, sórdidos, porque não representam mais do que a daninha gula insaciável das seitas e dos partidos. E eram agora estes que naturalmente prevaleciam numa sociedade formalista, hipócrita e assente em bases tão instáveis e artificiais como a nossa". Transcrito por Massaud Moisés, *ob. cit.*, p. 38.

(89) Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 179.

(90) *Idem, ibidem*, p. 180. Referindo-se à importância da educação na emancipação humana concluiu: "O indispensável é educar, despertar, dignificar a mocidade, formar cidadãos livres! e radicalmente incutir nas massas o culto da razão, limpando o pesadelo da superstição das consciências, repudiando a tutela nefasta da Igreja e santificando o clarão emancipador da Escola! *Idem, ibidem*.

Ultimatum, o autor discorreu sobre o assunto, algumas vezes, no romance *Próspero Fortuna*: "Como lógico epílogo às malquerenças oficiais da Grã-Bretanha, viera agora a vergastada humilhante do *Ultimatum*, moral e materialmente, amachucar-nos. Por via dessa investida brutal a fementida aliada de sempre feriu-nos o brio patriótico, esbulhou-nos dos territórios do Chire, ao sul do Niassa. Foi uma violação e um achincalho. Num ímpeto de indignado alarme, a consciência pública estremeceu. Contra essa dura e imerecida afronta a nação toda se levantou, altiva e nobremente, num dolorido protesto de queixume e de revolta. E claro que o combalido chaveco ministerial não pôde aguentar-se ante os embates vibrantes da vindicta nacional. Abriram-lhe um rombo formidável os clamores da imprensa, as severidades da opinião e a agitação das ruas. Poucos dias volvidos sobre esse triste e fatal 11 de Janeiro, Furtado Dantas demitia-se; e em obediência às estreitas manhas rotativas, eram os *tratandistas* chamados ao poder"⁽⁹¹⁾. Como se vê, a crise provocada pelo *Ultimatum*⁽⁹²⁾ tinha reflexos nas instituições e gerava instabilidade governamental. A Monarquia⁽⁹³⁾ era posta em causa e a ideia de República ganhava novas raízes e diferentes apoios sociais, como Botelho nos mostra numa outra passagem do romance ao anuir aos velhos tempos do republicanismo de Sousa Brandão e de José Elias Garcia e à sua transmutação para um republicanismo amadurecido nos finais da década de 90 especialmente em Lisboa e no Porto.

Os textos de Aires Pinto (não assinados) transformaram Próspero (suposto autor) no centro das atenções no interior dos

P') *Idem, ibidem*, p. 324.

(92) Como Fernando Catroga e Paulo Archer mostraram o *Ultimatum* mais do que um facto político transformou-se num facto cultural de longa duração. Ele esteve na origem do surgimento de um nacionalismo literário e cultural nos finais do século XIX. É claro que Abel Botelho não estava em condições de prever o impacto desse facto na vida cultural portuguesa. Cf. Fernando Catroga e Paulo A. M. Archer de Carvalho, *ob. cit.*, pp. 251-256.

(93) Abel Botelho colocava na boca de Aires Pinto a crítica ao regime político vigente: "[...] A grande, a iniludível verdade é esta: nem qualquer monarquia, por mais adiantada que seja de vernizes liberais, poderá libertar-se do seu obrigado cortejo de ignorantismo e opressão, nem a verdadeira e sã democracia, no seu lógico e sagrado exercício, pode compadecer-se com o absurdo convencional do princípio dinástico. O destino dos povos não pode estar à mercê dos acasos dum ventre. É ilógico e é caro!". *Idem, ibidem*, p. 349.

partidos políticos monárquicos. O oportunista não tinha grandes convicções políticas já que tanto frequentava o centro da praça Luís de Camões como o centro da rua de S. Roque. O que o movia era o interesse e a ambição sem limites⁽⁹⁴⁾. Chegou mesmo a colocar a hipótese de se filiar no partido republicano se isso lhe conviesse momentaneamente. Candidato por Freixo de Espada à Cinta, foi eleito deputado e começou a usar da palavra no Parlamento defendendo o governo em assuntos como o da política africana depois do *Ultimatum*. Envolvido, cada vez mais, na vida política, pouco frequentava o jornal enquanto a vida familiar se aprofundava em virtude da sua relação intensa com Ivone e do adultério de Maria Luisa. Após a morte do líder do seu partido, Próspero sentiu a desagregação desta estrutura política e "como bom e destemido oportunista que era, estava decidido a encostar-se, quanto decorosamente pudesse, ao grupo que com mais provável duração e segurança prometia conservar-se na posse do farto ubere do Poder"⁽⁹⁵⁾. Por vezes, as dificuldades materiais causavam-lhe aflição, mas, valendo de uma certa astúcia foi sempre encontrando solução para o problema através de empréstimos, de cargos mais ou menos fictícios - primeiro oficial na Caixa Geral de Depósitos, Comissário Régio da Companhia de Navegação do Pará e Manaus, director da Companhia da Zambézia, etc. - para que era nomeado por membros do governo. Os seus expedientes, com vista à obtenção de dinheiro eram, aliás, correntes entre outros frequentadores das arcadas do Terreiro do Paço.

A crise política acentuou-se em 1893 e, enquanto se previa a formação de um novo governo, os partidos rotativistas contavam, de igual modo, herdar o poder. Próspero fora eleito deputado pelo Porto e nomeado relator da resposta ao discurso da Coroa, facto que comprovava o aumento da sua importância política. Porém, "agora reconhecia que toda essa ilusória torre de glórias e grandezas ele a edificara à custa da própria felicidade"^(%). Durante os últimos tempos

⁽⁹⁴⁾ Próspero "não sabia positivamente por onde começar, para quem voltar-se [...] tão depressa resolvido a bandear-se, pelo seguro, com os furtadistas, que eram os arbitros oficiais do poder, como inclinado a enfileirar nos contrários, porque antevia do apagado poderio daqueles a duração efémera". *Idem, ibidem*, p. 263.

⁽⁹⁵⁾ *Idem, ibidem*, p. 503.

^(%) *Idem, ibidem*, p. 558.

os ministérios sucederam-se enquanto o regime se dissolvia. A luta pelo poder por parte de uma "camarilha política" exprimia os velhos processos dos políticos que não respeitavam o "carácter hesitante e frívolo do moço rei"⁽⁹⁷⁾ (D. Carlos). Em três anos tinham-se sucedido quatro ministérios. Tal realidade mostrava que a nação continuava "a ser torpemente explorada ao ganancioso sabor de uma quadrilha". Isso comprovava "o egoísmo devorista dessa áurea canalha" que continuava "impunemente e à solta..."⁽⁹⁸⁾. No contexto da crise Próspero deixou o seu partido e passou-se para o lado do novo poder. Um pouco mais tarde houve uma remodelação governamental e o arrivista acabou por ser nomeado ministro, facto que concretizava o seu sonho e a sua ambição política⁽⁹⁹⁾. O protagonista da obra tudo alcançara sacrificando a dignidade pessoal "conspurcada" pelo próprio adultério da mulher.

Na sua ironia e no seu sarcasmo, Abel Botelho traçou-nos, neste romance, os principais vícios da vida política dos inícios da década de 90 simbolizados pela figura do protagonista da obra. Era a crise da Monarquia Constitucional e dos partidos políticos que sustentavam o regime que se abatia sobre a nação. Através da ficção, o autor dá-nos uma excelente visão de uma realidade social transfigurada pela sua imaginação criadora. Não sendo uma fotografia da realidade política, o romance não deixa de referenciar alguns dos aspectos que melhor caracterizavam a política do momento. Por isso, o escritor mostra-nos, com uma boa dose de verdade, a crise do sistema de poderes e a mentalidade de uma elite política sem rasgos e sem criatividade, imersa na administração quotidiana do aparelho de Estado sem vontade para resolver a crise financeira, política e social que atingia o país. No seu republicanismo mais ou menos difuso, Abel Botelho esperava certamente uma

⁽⁹⁷⁾ *idem., ibidem*, p. 503.

⁽⁹⁸⁾ *Idem, ibidem*, p. 553.

⁽⁹⁹⁾ *Idem, ibidem*, pp. 556-560. Nesse momento Próspero sentia que "Trepava seguro e breve..."; "porém vendo implacavelmente cavar-se-lhe de roda, por cada novo triunfo, uma decepção, uma vergonha, uma torpeza... Todos os seus mais íntimos o tinham atraído, todos! A mulher, as amantes, os amigos... Sentia-se desamparado e só no calvo píncaro da sua ambição. A vaidade satisfeita, mas o coração deserto! Até o sacrossanto refúgio do amor de mãe lhe faltava...Teria valido a pena?...". *Idem, ibidem*, pp. 559-560.

mudança de regime, embora a considerasse ainda prematura. Daí a necessidade da propaganda política junto das massas populares despolitizadas pelo liberalismo monárquico assente no princípio censitário.

5. Crise político-social e alienação da consciência

O excelente romance *Amanhã*, publicado em 1902 mas redigido em 1895-1896, inspira-se em acontecimentos como a manifestação do 1.º de Maio, e as comemorações do Centenário de Santo António de 1895⁽¹⁰⁰⁾. Lembremos que, na década de 90, se assistiu a um refluxo da luta anticlerical, especialmente após o fracasso do "31 de Janeiro de 1891"⁽¹⁰¹⁾, que se saldou por uma derrota dos republicanos. Em virtude da consequente crise do republicanismo, o combate contra o clero foi, nessa conjuntura, cada vez mais assumido por socialistas e anarquistas. Do lado conservador, assistiu-se a uma reacção clerical - apoiada pela Rainha - que se traduziu na formação do Centro Católico e na realização do Congresso Católico Internacional de Lisboa (1895). Neste ano, houve várias manifestações religiosas na capital as quais, como veremos, suscitaram motins em alguns pontos da cidade ao mesmo tempo que se assistiu à chamada "caçada aos padres" na qual vários sacerdotes foram perseguidos pelos populares em consequência de boatos que tinham sido postos a circular⁽¹⁰²⁾. Foi nesta conjuntura que se desenvolveu também, pela primeira vez, o movimento anarquista que serviu de pretexto à publicação do famoso decreto repressivo de João Franco (13 de Fevereiro de 1896).

Neste contexto, Abel Botelho escreveu, a nosso ver, a sua melhor obra⁽¹⁰³⁾, a qual reflecte as contradições entre o operariado, por um lado, e a reacção dos meios burgueses e industriais em

(100) £_{scar} Lopes, *ob. cit.*, p. 165.

(101) Sobre o 31 de Janeiro e o papel da maçonaria na revolta cf. Fernando Catroga, *O Republicanismo em Portugal da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1991, pp. 114-135.

(102) Vitor Neto, *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998, p. 340.

(103) Como bem salientou Seabra Pereira, "le roman fait vivre devant nous, pour la première fois au Portugal, un monde d'ouvriers; on y passe des lieux de travail et d'habitation (voir chap. I et VII) au lieux de divertissement et de

associação com o clericalismo e o monarquismo, por outro lado. As relações estabelecidas entre os dois meios sociais fazia-se através da atracção amorosa entre a filha do industrial, Afonso de Carvalho Meireles, e Mateus, contra-mestre da fábrica têxtil do Almagem e herói do romance. A família do proprietário capitalista exprimia os valores burgueses e clericais⁽¹⁰⁴⁾. O ódio aos proletários foi inspirado por membros do clero que frequentavam a casa do fidalgo. Contudo, Jorge, seu filho, defendia a produtividade do capital "industrioso e benemérito" contra as opiniões dominantes na família que eram favoráveis à especulação financeira. Como sua irmã, Adriana, contrariava o obscurantismo de seus pais e de todos aqueles que frequentavam a casa. Para além da sua iniciativa industriosa eram também portadores de sentimentos humanitários em relação ao operariado. Por seu lado, Mateus era a personagem que liderava o movimento anarquista do proletariado de Alcântara e Xabregas já então numeroso (mais de 20.000 proletários, segundo o autor). Tratava-se de um idealista que lutava por causas nobres - a emancipação do proletariado e a realização da justiça social -, embora procurasse recorrer aos métodos violentos e terroristas do anarquismo. Por isso, apesar da sua inteligência⁽¹⁰⁵⁾, não deixava de

conspiration (chap. II et XIV). Par sa description de l'usine, des pauvres maisons des quartiers de Marvila et d'Alcântara, des assomoirs ou des 'hortas' de l'évasion dominical, le livre nous offre de remarquables documents sur les conditions de vie et, là-dessus, il met en lumières des aspects confirmés de nos jours par les historiens". José Carlos Seabra Pereira, *Autour de la thématique politique et de l'engagement dans la littérature portugaise. De l'Ultimatum au Regicide*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1982, p. 11.

(⁰⁴) Um dos frequentadores da casa de Afonso de Carvalho Meireles era o padre Sebastião que odiava os operários qualificando-os de "Preguiçosos, imoralões, indecentes, insusceptíveis de regeneração... refractários, em suma, a toda a espécie de autoridade". E continuava de forma bem elucidativa: "[...] eles não concorrem à igreja, não conservam as mulheres, não legitimam os filhos... nem sequer os mortos respeitam, porque os levam civilmente ao cemitério!" "[...] E, depois, essas manias revolucionárias com que eles andam... Pode lá ser!... Os tais socialismos, ou anarquismos, ou o que é... essas infernais manigâncias de agora, que visam a destruir todo o existente...". Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 93-94.

(⁰⁵) Segundo Joel Serrão, Mateus "talvez venha a ser o seu protótipo de predomínio da inteligência...", Joel Serrão, *ob. cit.*, p. 125.

ser uma consciencia alienada e de exprimir um desvio de comportamento com características patológicas. Em todo o caso, era uma personalidade complexa e contraditória já que oscilava, por vezes, entre o recurso à violencia e as reivindicações salariais, entre o sentimento anarquista e um ideário cooperativista⁽¹⁰⁶⁾.

Pela primeira vez, na nossa literatura, se manifesta um interesse bastante grande pelo proletariado⁽¹⁰⁷⁾ descrito de forma pitoresca e sentimental como sublinhou Óscar Lopes. "Ilhas" operárias como a do "Grilo" - donde partem as iniciativas colectivas - são "uma estercoral catacumba a céu aberto" ⁽¹⁰⁸⁾, facto que mostrava a miserável situação material em que esta classe social vivia⁽¹⁰⁹⁾. Apesar da relação simpática que mantinha com o operariado lisboeta, o autor distanciava-se desta classe social formada "por maltrapilhos, cheirando a vinho e cebola". No romance de Botelho, os trabalhadores surgiam associados à frequência das tabernas e à "sexualidade licenciosa" e eram classificados como "lixo social", "surramposo escumalho da oficina e viela"⁽¹¹⁰⁾. Por outro

⁽¹⁰⁶⁾ José Carlos Seabra Pereira, *ob. cit.*, p. 14.

⁽¹⁰⁷⁾ Sobre a sua história, no nosso país, cf. Carlos da Fonseca, *História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal*, 4 vols., Mem Martins, Europa-América, s. d. Como bem acentuou J. Amado Mendes os conceitos de "operário"/"classe operária" e "proletário"/"proletariado" surgem já bem definidos neste romance. Cf. J. Amado Mendes, "As Camadas Populares Urbanas e a Emergência do Proletariado Industrial", in *História de Portugal*, vol. V, dir. de José Mattoso, cord. de Luís Reis Torgal e João Lourenço Roque, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p. 495.

⁽¹⁰⁸⁾ Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 102.

⁽¹⁰⁹⁾ Referindo-se à "ilha" do Grilo Botelho afirmava: "Um duplo renque de casebres, de singela madeira e taipa, mal armados, imundos, quase sem beirais, sem forros, sem vidraças, todos riscados no mesmo padrão, com a mesma feição patibular, todos calcados no anonimato peculiar às coisas ínfimas. Assim como era um, eram todos. Rés-do-chão e um andar; em baixo, alternadamente, uma janela e uma porta; em cima uma sucessão monótona de janelas. Mas nem as portas tinham resguardo, nem as janelas caixilhos. Por onde entrava a luz, havia de entrar também o vento, a chuva, o frio, o calor, toda a sorte de inclemência. As paredes eram uma casca de nós, os alicerces uma abstracção, a segurança um mito, a higiene um impossível. Aberta, cada uma destas reles barracas era uma praça; fechada um túmulo". Abel Botelho, *Amanhã*, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1982, pp. 25-26.

⁽¹¹⁰⁾ Óscar Lopes, *ob. cit.*, p. 166.

lado, convém referir que o escritor retrata, com realismo, a cidade de Lisboa que crescera nas últimas décadas do século XIX em consequência da industrialização. Em muitos desses bairros operários habitavam migrantes que tinham procurado a capital na expectativa de uma vida melhor⁽ⁱⁿ⁾ e que acabaram por aumentar a miséria social da urbe.

O líder anarquista, que pretendia ser um Kropotkine^(m), era um agitador social, ligado à Internacional e a intelectuais avançados. Descendente de um grande proprietário do Alto Douro, órfão de mãe, ainda criança, frequentara um colégio jesuíta dos arredores do Porto onde provocou escândalo ao atacar a Companhia em pequenas dissertações até que, castigado pelos superiores, resolveu fugir e apanhar um comboio para Lisboa⁽¹¹³⁾. Na capital, levou uma vida bastante difícil: "[...] daí lhe veio essa atenção pelos quadros de miséria, a sua grande curiosidade enternecida pelos que sofriam, a sua fúria iconoclasta pelas iniquidades sociais" ^(m). Depois matriculou-se na Escola Politécnica e fez-se anunciar como "leccionista". Travou conhecimento com um núcleo de estudantes revolucionários que o influenciaram e através desse convívio alargou os seus horizontes culturais. Aproveitando todas as ocasiões para aprofundar os seus conhecimentos sobre a sociedade, "Aos domingos, nos dias feriados, todo o regalo dele era ir percorrer os bairros pobres, esmiuçar os antros de miséria, numa voluptuosa piedade palpar e profundar as fontes autênticas da fome e da desgraça"⁽ⁿ⁵⁾. Evangelizador, era frequente vê-lo, à noite, divulgando as suas ideias pelas ruas da cidade. Assumiu-se como intemacionalista e correspondeu-se com os directores dos jornais *Combcittiamo*, *Révolté* e *Avanti* e com Carlos Calferio, amigo de Bakounine, Tolstoi e Reclus. No segundo ano da

(m) Fernando Catroga e Paulo A. M. Archer de Carvalho, *oh. cit.*, p. 129.

C¹²) É curioso verificar que, em termos simbólicos, enquanto na casa rica dos proprietários capitalistas repousa sobre um móvel o jornal católico *A Palavra*, o herói revolucionário tinha nas paredes do seu modesto quarto retratos de Kropotkine e de José Fontana. Era a contradição das mundividades das classes sociais opostas presentes ao nível dos arquétipos. Cf. José Seabra da Silva, *oh. cit.*, pp. 16-17.

(m) Cf. Abel Botelho, *oh. cit.*, pp. 180-184.

O¹⁴) *Idem, ibidem*, p. 184.

C¹⁵) *Idem, ibidem*, p. 186.

Escola Politécnica, na aula de Economia Política, debitou os seus conhecimentos sobre O *Capital* de Karl Marx⁽¹¹⁶⁾ e, à luz desta obra, improvisou "urna impetuosa e fulgurante diatribe contra as ferinas desigualdades e opressões do regime social"⁽¹¹⁷⁾. "Riscado por um ano", pela Direcção do estabelecimento de ensino, deixou definitivamente os estudos oficiais. Contudo, como era um autodidacta, continuou a fazer as suas leituras recorrendo à sua biblioteca diversificada: "uns teóricos, tais: O *Socialismo Integral*, de Benoit Malón, *A Definição do Crime*, de Hamon, esse fascinativo breviário de revelações que é *Os Bastidores do Anarquismo*, de Flor O'Squarr, de Carlo Malato a *Filosofia da Anarquia, Da Comuna à Anarquia*; e entre eles alguns recentíssimos, como O *Anarquismo*, de António de Serpa, e a *Psicologia do Anarquista Socialista*, a derradeira obra, daquele mesmo ano, de Hamon. Outros falando de preferência à imaginação, ou de acentuado sabor prático, sugerindo resoluções e esboçando programas, como: as duas brochuras célebres de Kropotkine, *A Moral Anarquista* e *Um Sonho de Ansiedade*, de Jean Grave *A Sociedade Futura*, as *Páginas Rubras*, de Séverine, *A Conquista do Pão*, de Reclus. E mais se liam nessas duas terríficas estantes, vingadoramente enfileirados, entre outros, os nomes de Rudolph Meyer, Libknecht, Proudhon, Naquet, Max Stirner, Molinari, Léon Say"⁽¹¹⁸⁾. Para além da literatura revolucionária Mateus atribuía um grande significado à figura de um Cristo humanizado e, por vezes, colocava a hipótese de uma via pacífica para a transformação radical da sociedade. O cristianismo levava-o a assumir a defesa do valor da Humanidade e a colocar Jesus Cristo como um dos precursores da sua ideologia libertária.

Após a sua expulsão da Escola Politécnica, os seus melhores momentos eram agora passadas em Alcântara, pelos grémios, nas ruas, nas "ilhas", pelas tabernas, "na veemente análise, na dolorosa auscultação do viver íntimo aos muitos milhares de proletários que lento agonizam nesse bairro insalubre e triste"⁽¹¹⁹⁾. Ao conseguir ser

O¹⁶) Para o conhecimento da leitura que, entre nós, se fez deste pensador Cf. Alfredo Margando, *A Introdução do Marxismo em Portugal*, (1850-1930), Lisboa, Guimarães & Ca. Editores, 1975.

C¹⁷) Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 187.

C¹⁸) *Idem, ibidem*, p. 193.

C¹⁹) *Idem, ibidem*, p. 188.

admitido como contra-mestre de uma fábrica de fundição, em Alcântara, aproveitou a oportunidade para fazer propaganda libertária junto dos operários. Entretanto, visto pelo patrão como um "homem perigoso", foi despedido. Este facto não o desanimou na prossecução da divulgação das suas ideias românticas e anarquistas. Admitido, mais tarde na fábrica do Almagem, com o mesmo estatuto profissional, pelo filho do proprietário, em virtude da "sólida cultura intelectual, tão rara em homens daquela condição", pôde reiniciar o contacto directo com os operários.

O romance revela, quer a nível da acção, quer nas discussões teóricas, uma polémica entre o socialismo marxista e o anarquismo⁽¹²⁰⁾. Porém, nessa conjuntura, as teses anarquistas impuseram-se. Isto explica-se pelo ambiente de miséria extrema em que vivia a classe operária⁽¹²¹⁾. Com o objectivo de difundir as suas ideias libertárias, Mateus organizou uma reunião clandestina com os operários no pátio de uma taberna e, perante uma assistência atenta, mas despolitizada, discorreu longamente sobre o político, o social e a revolução: numa óptica anarquista afirmava que "O Estado é uma pura excrescência que vive à custa de todos nós. Dispensa-se... Ele nada nos faz, nada nos traz de bom..."⁽¹²²⁾. E continuava: "É uma organização artificial, violenta, contrária às leis naturais... a qual não aproveita senão a um limitadíssimo número de indivíduos, com prejuizo de todos os

O²⁰⁾ As origens do anarquismo em Portugal remontam à fundação da Internacional, em Lisboa, em 1871. Na sequência da presença dos emissários da I Internacional à capital portuguesa, Mora, Morago e Lorenzo para contactos com os socialistas portugueses formou-se um núcleo organizador da Internacional e o grupo da Aliança da Democracia Socialista, organização liderada por Bakunine e com grande audiência em Espanha. Sobre as relações entre socialistas e anarquistas, a partir de 1871, cf. César Oliveira, *O Socialismo em Portugal 1850-1900*, Ed. do Autor, 1973, pp. 183-204 e João Freire, *Anarquistas e Operários. Ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal 1900-1940*, Lisboa, Edições Afrontamento, 1992. Para o conhecimento da evolução do socialismo da Geração de 50, passando pela Geração de 70 até ao anarquismo das últimas décadas oitocentistas e dos inícios do século XX, leia-se, Joel Serrão, "Du Socialisme Libertaire a l'Anarchisme", in *Utopie et Socialisme au Portugal au XIXe Siècle. Actes du Colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 331-368.

⁽¹²¹⁾ Óscar Lopes, *ob. cit.*, p. 166.

⁽¹²²⁾ Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 46.

outros... que não tem outro fim senão explorar o mísero trabalhador!⁽¹²³⁾). Como sabemos, os anarquistas defendiam a eliminação do poder político⁽¹²⁴⁾, necessária à emancipação do indivíduo. Nesse ensejo, o agitador defendeu a igualdade entre todos os membros da sociedade definida como "um produto orgânico vivo", [...] "dentro do qual os homens são assim outras tantas células, espontânea e solidariamente concorrendo" para o desenvolvimento, para a vida, para a harmonia e o bem comum!"⁽¹²⁵⁾.

O seu discurso revela o desejo de libertar os explorados da opressão capitalista e de articular a luta do operariado português com o combate do operariado travado noutros países da Europa e da América. Desta forma, o protagonista da obra assumia uma posição intemacionalista que lhe advinha da radicação de uma cultura política oposta ao patriotismo sustentado, nessa altura, pelos escritores e publicistas republicanos. Um dos operários, presente nesta reunião, afirmava que o "patriotismo, não passa duma invenção egoísta do regime burguês!"⁽¹²⁶⁾. Por seu lado, Mateus definia a ideia de pátria como "uma das muitas e habilidosas formas de opressão que, para impunemente nos esmagarem, têm inventado os ricos e poderosos"⁽¹²⁷⁾. Na sua perspectiva, o patriotismo fora o sucedâneo da religião a qual, durante muito tempo, amedrontara as classes populares que viveram horrorizadas com a ideia de um Deus "cruel" e com a imagem do inferno divulgada pelo discurso do clero. O propagandista falava aos operários da "internacionalização de todas as manifestações da vida social", da homogeneização, cada vez maior, da Humanidade e da necessidade de uma "completa igualdade colectiva" que trouxesse consigo "a absoluta independência individual"⁽¹²⁸⁾. Por outro lado, condena os baixos salários, impostos arbitrariamente pelos capitalistas e defendia a participação do operariado nos lucros das empresas. A seu ver, a realização da felicidade só seria possível se o proletariado desencadeasse uma

⁽¹²³⁾ *Idem, ibidem*, p. 46.

⁽¹²⁴⁾ Sobre o pensamento anarquista acerca da religião e do Estado cf., por exemplo, Mikhail Bakunine, *Deus e o Estado*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1976.

⁽¹²⁵⁾ *Idem, ibidem*, p. 51.

⁽¹²⁶⁾ *Idem, ibidem*, p. 57.

⁽¹²⁷⁾ *Idem, ibidem*.

⁽¹²⁸⁾ *Idem, ibidem*, p. 60

revolução⁽¹²⁹⁾. Tal acontecimento, pressupunha a aliança do operariado com o funcionalismo público, com os soldados e com todos os que sofriam: "os enjeitados da sorte, os que não têm que perder, os desarrumados, os infamados, os tristes, as infinitas vítimas da iniquidade social, os desordeiros e os tímidos, que a engrenagem centralista do sistema cautelosamente repele de qualquer activa intervenção ou lucrativa ingerência..."⁽¹³⁰⁾. O orador conseguia inflamar a consciência dos operários que ficavam entusiasmados com uma revolução redentora, embora se interrogassem acerca do plano revolucionario do contra-mestre. No momento culminante da reunião clandestina, "a enxudiosa figura do Zé Pequeno", proprietário da taberna, veio avisar que a "rusga" se aproximava, facto que provocou a debandada geral⁽¹³¹⁾-

Na fábrica Mateus revelava um grande humanismo em relação às operárias que, doentes, se lhe dirigiam para lhe pedir que as deixasse faltar este ou aquele dia. Com as trabalhadoras, mais ou menos famélicas e andrajosas, mantinha excelentes relações e, sempre que podia, ia falando da libertação próxima da classe oprimida, ao mesmo tempo que procurava organizá-la com vista à eclosão da tão almejada revolução. Não obstante isso, mantinha a maior disciplina no trabalho evitando que houvesse falhas por parte dos trabalhadores. Com o seu exemplar comportamento na empresa mantinha os operários na maior obediência. A sua fama ultrapassou os muros da fábrica e, como havia desemprego, "um lamuriendo bando de mulheres" "[...] avançando à compita, invectivando-se, atropelando-se, com aflitivo exaspero pedia trabalho, ferozmente o extenuamento e a fome vincados na atitude, na expressão, nos olhos, torcidos ao alto, numa súplica dilacerante, os braços, os longos dedos ressequidos à frente de mãos erguidas"^(m).

C²⁹) Mateus afirmava diante dos operários que o escutavam atentamente: "Reparai que armar-se, sublevar-se, impor-se a gente é preparar a felicidade de nossos filhos, combater pelo restabelecimento das prescrições da Natureza, é lutar pelo que de mais nobre existe no cérebro e no coração do homem - a integridade do seu pensamento e a liberdade da sua acção!". *Idem, ibidem*, p. 61.

⁽¹³⁰⁾ *Idem, ibidem*, pp. 67-68.

⁽¹³¹⁾ *Idem, ibidem*, p. 70.

C³²) *Idem, ibidem*, pp. 207-208.

Abel Botelho revela grande "simpatia ideológica" em relação à filha do industrial e a seu irmão, ambos empenhados em criar uma creche na fábrica para as crianças filhas das operárias. Esta iniciativa fora contestada pelos padres reaccionários que frequentavam a casa do proprietário da fábrica. Apesar disso, depois da decisão tomada, o padre Sebastião foi incumbido por D. Mafalda (esposa de Afonso Meireles) de ir visitar a empresa para verificar a localização da casa destinada à creche. A presença do sacerdote na fábrica causou grande inquietação entre os trabalhadores que se interrogavam acerca do significado da vinda daquele membro da Igreja ao estabelecimento industrial. Inteligentemente Mateus procurou aproveitar a situação para suscitar a revolta dos operários profundamente anticlericais. No dia seguinte o contra-mestre viu-se confrontado com as perguntas das operárias que queriam saber o significado daquela presença do eclesiástico na fábrica. O líder esclareceu-as sobre a iniciativa da entidade patronal, mas as operárias recusaram a construção do infantário. O conhecimento dos propósitos do padre geraram uma grande "desconfiança" entre o operariado e suscitou "a mais decidida e odienta lição de hostilidade" ⁽¹³³⁾, enquanto Mateus rejubilava com a reacção das operárias. Alguns dias depois, o padre Sebastião, acompanhado de um outro sacerdote ultramontano, voltou à fábrica, facto que deu origem a uma assuada que pôs em perigo a vida dos eclesiásticos os quais acabariam por ser salvos, no último momento, pelo contra-mestre que impediu a perseguição dos trabalhadores aos párcos. Gorara-se a iniciativa em virtude da convergência entre os conservadores, que tentaram evitar a construção da creche e a atitude radical dos operários influenciados pela ideologia anarquista difundida pelo contra-mestre⁽¹³⁴⁾. Porém, este acontecimento, ampliado pelo jornal Vanguarda, quase levou ao encerramento da fábrica e ao consequente desemprego dos operários⁽¹³⁵⁾.

^(1M) *Idem, ibidem*, p. 245

^{C¹³⁴} Sobre a referida assuada cf. *Idem, ibidem*, pp. 245-248.

⁽¹³⁵⁾ Abel Botelho diz-nos que os acontecimentos na Almagem se deram num momento em que a questão religiosa, por um lado, se reacendera em virtude dos avanços das forças ultramontanas animadas com os preparativos para a celebração do Centenário de Santo António e com o progresso das

Aludindo à vinda de emissários da Internacional a Lisboa, Abel Botelho criou uma cena que retratava a vinda de dois representantes da Internacional a Portugal. Um era belga, enquanto o seu companheiro de viagem era italiano⁽¹³⁶⁾. Este encontro secreto, destinado ao conhecimento da situação dos trabalhadores no nosso país, deveria contar com a presença de um operário por fábrica. Chegados a Lisboa, os dois revolucionários foram conduzidos a casa do João dos Unguentos onde os esperava Mateus. Naquela noite houve uma primeira troca de ideias entre o contra-mestre e os representantes da Internacional. Em tom irónico, Abel Botelho descreve, assim, alguns pormenores da visita: "Depois da canja veio a cabidela e o João fez espumear nos copos um *Colares* muito sofrível. Regalados e tranquilos como bons burgueses, os dois ferozes agitadores iam saboreando. O italiano ainda era o mais refractário às reles seduções da mesa; porém, de certa altura em diante, quando uma pantagruélica perna de carneiro assado apareceu, o faceiro Bazeleerts positivamente - *a perdu contenance* - conforme ele mesmo confessou; e com familiar ousadia, por momentos reconciliado com o mundo, dando na mesa galhofeiros murros, denunciadores da sua interina despreocupação dos graves problemas sociais, perguntava rindo ao dono da casa se era alquimista, e edulcorava em amaviosas projecções os olhos para a virago que os servia" ⁽¹³⁷⁾. Interrogado por Mateus acerca das primeiras impressões sobre Portugal, o delegado belga concluía "que um povo criado num tão doce e acariciador clima, não poderia ser um povo revolucionário" ⁽¹³⁸⁾. A reunião com os operários portugueses realizava-se na noite seguinte (domingo) e Bazeleerts aproveitou o dia para conhecer o bairro operário de Alcântara. O seu "exame" a este local não o agradou "porque não encontrava em parte alguma, bem

ordens religiosas, enquanto, pelo outro, os socialistas organizavam os Círios civis e levavam a efeito, na *Voz do Operário*, conferências semanais. *Idem, ibidem*, pp. 251-252.

⁽¹³⁶⁾ Necessitando de um lugar seguro para esse encontro, o contra-mestre pediu a casa a João dos Unguentos explicando-lhe que o belga "é o revolucionário de maior popularidade e prestígio no seu país...", enquanto o italiano "já pelas suas ideias sofreu cinco anos os horrores do regime celular". *Idem, ibidem*, p. 279.

⁽¹³⁷⁾ *Idem, ibidem*, p. 315.

⁽¹³⁸⁾ *Idem, ibidem*.

dilacerante, bem autêntica, a nota da servidão e da fome"⁽¹³⁹⁾. Na reunião, muito concorrida por socialistas e anarquistas, realizada a horas mortas, Mateus usou da palavra e voltou a insistir nos seus argumentos ideológicos dando ênfase especial à necessidade de libertar o indivíduo do Estado. Entre os presentes nessa sessão não havia unanimidade de pontos de vista como decorria do facto de uns serem anarquistas e outros assumirem posições socialistas muito próximas do pensamento de Lassalle⁽¹⁴⁰⁾. Por isso houve discussão entre os participantes até que o belga, já irritado com a retórica operária, fez um discurso radical, baseado na necessidade de intensificar a luta de classes, de organizar transitoriamente o operariado da capital e de recorrer à bomba para acabar com o capitalismo. O italiano, por seu lado, limitou-se a ensinar os presentes a fabricar outro tipo de projectil. A sessão tomara um sentido que desiludira os operários da capital os quais começaram gradualmente a abandonar a reunião⁽¹⁴¹⁾. Por fim, sos, os delegados da Internacional manifestaram a sua desilusão com os portugueses e, enquanto o belga concluía que os portugueses não eram práticos, o italiano

O³⁹⁾ *Idem, ibidem*, p. 317.

(¹⁴⁰⁾ Por vezes, os portadores de correntes ideológicas diversas confrontavam-se como sucedeu numa discussão travada entre Mateus e o seu velho amigo Gomes, um hindu, que se opunha ao anarquismo em nome do pensamento de Bernstein. De facto, em resposta, a Mateus, o seu amigo afirmava convictamente: "[...] em vez da tal ferina luta de classes, este clássico antagonismo entre o milhão e a fome - dum lado o monopolismo da concentração capitalista, e do outro por consequência a exaustiva exploração do proletariado - ele presenciara exactamente a evolução duma tendência para o fenómeno contrário, quer dizer, a disseminação crescente da propriedade, tanto móvel como imóvel, o formigueiro das iniciativas, a multiplicação das empresas, a vulgarização do capital". *Idem, ibidem*, p. 389. Para o conhecimento deste diálogo elucidativo sob o ponto de vista das ideias político-sociais leiam-se as páginas seguintes até ao fim do capítulo XVI.

C⁴¹⁾ O recurso ao terrorismo como forma de destruir a sociedade burguesa chocava-se com a sensibilidade dos socialistas portugueses. O escritor afirma isso mesmo na seguinte passagem: "A sessão havia tomado assim uma feição carniceira e odienta que repugnava a uma parte da assembleia. Cheirava-lhes a sangueira e a carne derretida... já não estavam bem ali! Ante os seus alarmados corações, ante as suas sensitivas almas, formadas na serenidade e na obediência, o grosso e imperioso belga revestia o aspecto dum carrasco, o italiano era positivamente um demónio". *Idem, ibidem*, pp. 335-336.

decepcionado com a reunião afirmava que não voltaria ao nosso país. Cremos que, como já foi salientado, Abel Botelho, ao usar a ironia e a sátira em relação ao socialismo utópico e ao anarquismo procurava desacreditar estas ideologias que funcionavam como sistemas de representações das consciências dos revolucionários sobre o futuro, mas irrealizáveis na prática. Republicano, Botelho demarcava-se dos socialismos e do anarquismo, embora compreendesse a força dos argumentos dos líderes destes dois movimentos políticos⁽¹⁴²⁾. Por outro lado, o romancista opunha intencionalmente o internacionalismo ao patriotismo para mostrar como as ideias dos idealistas estrangeiros estavam desfasadas da realidade portuguesa.

Antes de se despedir dos delegados da Internacional, bastante pessimistas sobre o caso português, Mateus insistiu na ideia de que algo de importante haveria ele de fazer juntamente com o operariado de Lisboa "e com veemência jurou que nessa empresa sacrossanta empenharia a vida!"⁽¹⁴³⁾. Depois disso, promoveu uma reunião entre os proletários de Alcântara e os de Xabregas tentando aglutinar os trabalhadores destas duas áreas de Lisboa. A reunião realizada clandestinamente no antigo "palácio" do Fiúza, lugar de grandes tradições revolucionárias, contou com a presença dos "mais prestigiosos chefes socialistas", com libertários, elementos da maçonaria, representantes das diferentes classes sócio-profissionais e toda "a escória" da sociedade⁽¹⁴⁴⁾. O operário Silvério era um dos "pretensos conspiradores", mas traiu os seus colegas ao denunciar à polícia a realização do encontro conspirativo. Esta cercou o edifício e

⁽¹⁴²⁾ Com bem sublinhou A. J. Carvalho Homem Littré e Stuart Mill, que, com se sabe, eram positivistas e influenciaram filosoficamente os republicanos, nunca foram "compagnons de route" de Bakunine, de Reclus, de Marx. Botelho situava-se na linha da influência do positivismo e, por isso, também não aceitava as teorias socialistas e anarquistas. A. J. Carvalho Homem, *recensão crítica ao trabalho já citado de José Carlos Seabra Pereira, Colóquio, Letras*, Lisboa, n.º 74, Julho 1983, p. 92.

⁽¹⁴³⁾ Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 338.

⁽¹⁴⁴⁾ Os socialistas "puseram à inteira descrição" dos libertários "as vantagens da sua acautelada organização, da sua engrenagem estrutural, ao tempo tão disciplinada e tão metódica, com chefes de missão eleitos e comissões paroquiais em toda a cidade, funcionando activamente. Era assim, quase de improviso, a grande rede subversiva que se lançava, garantindo um formidável poder de propagação". *Idem, ibidem*, p. 352.

os operários entraram em luta com as forças da ordem tentando fugir. Descoberta a traição, os companheiros de Silvério lincharam-no na sua "ilha", próximo da sua casa e diante da sua mulher que, desesperada, não conseguiu evitar o homicídio⁽¹⁴⁵⁾.

No quadro do desenvolvimento da luta da classe operária festejou-se o 1.º de Maio, através de uma grande manifestação, liderada por Mateus⁽¹⁴⁶⁾, que se fez rodear pelos principais líderes socialistas. Abel Botelho, que nos descreve o evento com a argúcia habitual, tem um posição crítica em relação ao cortejo sobretudo quando nos revela a existência de uma certa inconsciência política por parte de muitos trabalhadores ao longo do percurso dos manifestantes. De qualquer modo, pela sua grandiosidade, a manifestação não deixava de impressionar os burgueses que observavam a multidão a partir das janelas das suas residências. Nos seus carros alegóricos os manifestantes, acompanhados pelas filarmónicas (a jornada tinha um carácter festivo) levavam os retratos de José Fontana - herói mítico da luta socialista entre nós - assim como os de João de Deus e Antero de Quental, embora estes surgissem numa posição mais secundária. Enquanto o cortejo passava, os curiosos colocavam-se ao longo do trajecto. Entre os observadores "predominava a baixa burguesia, o mundo pelintra dos serventuários do Estado, o parasitário bando de quantos trazem uma vida estéril, e entre todos eles doidas e impacientes, as mulheres" ⁽¹⁴⁷⁾. Os operários reivindicavam "Progresso e Trabalho", a jornada de "8 Horas de Trabalho" e defendiam a união internacionalista dos proletários de todo o mundo. Na época, muitos republicanos criticavam o tom carnavalesco da "passeata" operária - certamente pelo recurso dos trabalhadores a carros alegóricos mais ou menos improvisados - e procuravam reduzir a sua importância social e política⁽¹⁴⁸⁾. Cremos

⁽¹⁴⁵⁾ para o conhecimento desta cena trágica, escrita com um vigor extraordinário, cf. *Idem, ibidem*, pp. 375-378.

⁽¹⁴⁶⁾ O Mateus viera muito cedo presidir à concentração: "Todo de negro, gravata branca, e na batoeira do jaquetão flamulando um grande ramo de perpétuas". *Idem, ibidem*, 461.

⁽¹⁴⁷⁾ *Idem, ibidem*, p. 463.

⁽¹⁴⁸⁾ Sobre o 1.º de Maio e o seu significado, político, cultural e mental cf. Fernando Catroga, *O Céu da Memória. Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos*, Coimbra, Minerva, 1999, pp. 233-263 e o artigo "Os Primórdios do 1.º de Maio em Portugal. Festa, Luto, Luta", *Revista de Historia das Ideias*, Coimbra, vol. 11, 1989, pp. 445-499.

que o romancista nos dá um excelente retrato dessa festa operária que não podia deixar de impressionar a burguesia numa fase em que, no nosso país, apenas se esboçavam as contradições entre o capital e o trabalho em virtude do carácter tardio da industrialização.

Na sequência do Congresso Católico, realizado em Lisboa, em 1895, a pretexto da celebração do Centenário de Santo António, a Igreja organizou uma grande e aparatosa procissão imaginada ao pormenor por Abel Botelho. Mateus pensava que o acontecimento podia ser o ponto de partida para a ansiada revolução e, com essa finalidade, preparou os seus homens através de instruções precisas. Os operários deveriam boicotar a manifestação religiosa no centro da cidade gerando a confusão geral entre os católicos. Saído de S. Vicente, o cortejo passou pelo Rossio onde "a excitação nos espectadores era manifesta; o desgosto, a rebelião, a troça cada vez maiores. Havia gestos claros de achinhalho, atitudes de provocação, frases injuriosas, que faziam corar algumas das grandes damas de preto, e os Municipais franzirem para o lado os olhos de ameaça, distribuindo algumas coronhadas"⁽¹⁴⁹⁾. No meio da multidão um dos homens de Mateus gritou "Abaixo a reacção! Viva a anarquia!". Este grito foi acompanhado pela distribuição de um comunicado por parte dos anarquistas o qual gerou a curiosidade da população anónima. O grito do "Cavalinho-Mosca" fez oscilar a multidão e criou uma agitação incontável que desmantelou a procissão no meio de uma confusão geral. Criou-se um clima de pânico e de terror entre os clericais e a população religiosa. Todos, inclusivamente os bispos, procuraram fugir de um perigo que afinal era imaginário⁽¹⁵⁰⁾. Passados esses momentos de caos total, a procissão pôde recompor-se e retomar o seu itinerário, embora sem a sua imponência inicial. No seu anticlericalismo, manifestado noutras ocasiões ao longo da sua obra, Abel Botelho concluía que o cortejo católico lá conseguira terminar "o seu falhado passeio triunfal pela cidade, entrando finalmente na Sé, onde ia celebrar-se o *Te Deum* do programa"⁽¹⁵¹⁾. Os

C⁴⁹) Abel Botelho, *ob. cit.*, p. 509.

(iso) Acerca desse momento de extraordinária agitação escrevia o romancista: "Padres e leigos, velhos, mulheres e crianças, polícia e povo, tudo tomava atabalhoadamente a fuga, no horror a um misterioso e imaginário perigo, tanto mais empolgante que ninguém sabia ao certo o que ele fosse...". *Idem, ibidem*, p. 511.

C⁵¹) *Idem, ibidem*, p. 514.

objectivos de Mateus foram alcançados. A confusão, a desordem e o terror tinham-se estabelecido em toda a cidade. Estavam, segundo ele, criadas as condições para desencadear a revolução. A descrição destes acontecimentos têm, a nosso ver, o valor de um testemunho para o historiador que pode extrair deles conclusões acerca do desenvolvimento de um processo histórico que não nos aparece assim retratado em qualquer outro tipo de documentação. A literatura não é obviamente a história, mas transmite ao historiador - como no caso de Botelho - uma visão documentária de incedível significado e importância para o conhecimento da realidade finissecular oitocentista.

Abel Botelho usava a ironia em relação a Mateus que se dirigiu à república de estudantes, que em tempos frequentara, em busca de um explosivo que "dê garantias de desempenhar honestamente a sua missão terrorista e homicida!"⁽¹⁵²⁾. Com a colaboração de vários indivíduos conseguira obter várias bombas fabricadas artesanalmente e uma barrica de pólvora que foi levada para a sua casa do Almargem. Enquanto no centro de Lisboa o caos se instalara entre a população, devido à acção dos anarquistas, o herói do romance aguardava em casa pela eclosão da revolução, de acordo com um plano previamente traçado, para depois intervir. No seu posto, esperava dirigir os acontecimentos já que estava em contacto permanente com os seus homens espalhados pela cidade e que lhe vinham trazer as notícias sobre o desenvolvimento das acções. Botelho recorreu a Adriana para impedir Mateus, pelo afecto, de realizar a violência planeada⁽¹⁵³⁾. Desta forma, a jovem salvaria o líder

⁽¹⁵²⁾ Nesse encontro com Gomes, a que já fizemos referência, este respondia a Mateus da seguinte forma: "[...] A era metafísica e heroica do socialismo passou. E o mesmo podemos dizer do anarquismo, que não é senão a sua expressão paroxísmica, a mais requintada e violenta integração do ideal revolucionário". E continuava: "Sim, há alguns anos já que essa velha crença, terrorista e mística, dum grande *crack* em que toda a sociedade devia ruir duma assentada, podrida e rota pela própria decomposição, deixou de ser do vosso partido um dogma, um credo vivo e militante, para se converter numa anotação arqueológica, uma respeitável curiosidade de museu...". *Idem, ibidem*, p. 387.

⁽¹⁵³⁾ Massaud Moisés, *ob. cit.*, p. 58. Segundo a interpretação de Seabra Pereira, "Mateus, maitrisé psychiquement par Adriana, qu'il aime, fait échouer par inaction tout son plan insurrectionnel et se suicide dans un incident macabre". José Carlos Seabra Pereira, *ob. cit.*, p. 16.

e evitaria a realização da utopia revolucionária. Convém frisar, neste ensejo, que o visionário, pequeno-burguês, estava convencido de que as mulheres não deveriam ter uma igualdade de oportunidades às dos homens e, por isso, assumia uma atitude antifeminista⁽¹⁵⁴⁾. A filha do industrial, que o amava, conseguiu detê-lo evitando o assalto terrorista ao poder das burguesias decadentes e das aristocracias emburguesadas associadas ao clericalismo e ao monarquismo. Porém, Adriana, ao regressar a casa, já de madrugada, foi surpreendida com o "suicídio espectacular" de Mateus que, para o efeito, recorreu a uma explosão da carga de pólvora que possuía na habitação que ocupava.

Conclusão

A obra romanesca de Abel Botelho escrita à luz da corrente estética naturalista, e tendo como pano de fundo a agonia e a decadência da sociedade do seu tempo, é um excelente retrato social e pode funcionar como fonte histórica já que, sendo resultado da criatividade do autor, a realidade por ele tão argutamente observada está presente ao longo das milhares de páginas que nos deixou. Demarcando-se da Monarquia Constitucional e da Igreja católica, o autor também se distanciou do anarquismo e do socialismo. Se é provável que o seu percurso ideo-político tivesse passado pelo anarquismo sabe-se que, na sua fase de maturidade, assumiu o positivismo e o cientismo, correntes de pensamento que fundamentaram o republicanismo. Portanto, sendo um adepto da república teria que combater o regime monárquico e as ordens religiosas. Os romances que escreveu reflectem a sua ideologia em algumas das personagens que inventou (Ex.: Aires Pinto).

Pensando, como Teófilo Braga e Júlio de Matos, que a sociedade portuguesa, dos finais do século XIX e dos inícios do século XX, passava por um momento patológico, Abel Botelho fazia o seu diagnóstico como um verdadeiro médico em busca da definição da doença. Outras vezes, aparece-nos como um autêntico sociólogo dada a riqueza de informação trazida pelos seus romances a respeito das classes e dos "tipos" sociais. Por outro lado, vendo a sociedade como algo de verdadeiramente contraditório, assumia uma atitude crítica

C⁵⁴) Óscar Lopes, *ob. cit.*, p. 166.

em relação à fidalguia e à alta burguesia lisboetas, ao mesmo tempo que usava a ironia e, por vezes, o sarcasmo na apreciação da classe operária ou de outros grupos socialmente marginalizados. De facto, como salientou Joel Serrão, para ele - contemporâneo de Columbano - , "na plasticização das suas personagens" apenas utiliza duas cores, o branco e o cinzento: os bons e os puros de um lado e os desregrados e "latrinários" pelo outro. Tendo ou não uma visão falseada da realidade apresenta-nos excelentes quadros sociais e dá-nos inestimáveis indicações para o conhecimento das mentalidades. Tendo o desvio como princípio inspirador da invenção das principais figuras dos seus romances, verifica-se que tais personagens representam a anormalidade nos campos do sentimento, do pensamento e da acção como, aliás, se verificou. Esta abordagem social obedece obviamente aos ditames da escola naturalista.

Relevando a importância da sexualidade, Abel Botelho explorava também o erotismo e o desejo criando cenas de uma grande beleza plástica. Nesta linha, abordava, de forma inovadora, o fenómeno da prostituição e da homossexualidade. Não conhecemos, na nossa literatura até então produzida, tal descrição de um fenómeno social e mental que adquirira uma certa amplitude em Lisboa e nas principais cidades europeias do século XIX. Ao dedicar arrojadamente um romance à homossexualidade destruiu mais um "tabu" na temática da nossa literatura. Se a prostituição do *Livro de Alda*, a homossexualidade de *O Barão de Lavos* e a histeria de D. Isabel de *Fatal Dilema* eram, para o autor, desvios de sentimento, a ambição ilimitada de *Próspero Fortuna* e a alienação de Mateus do *Amanhã*, funcionavam como patologias da acção. Estes fenómenos tinham, como vimos, a sua explicação na hereditariedade e na influência nociva da educação e do meio, como aliás ensinavam alguns dos doutrinadores da época. No fundo, tal visão da realidade social radicava na ideia de decadência fisiológica da raça associada a um pessimismo profundo acerca do futuro da nossa sociedade.

Não sendo a sua literatura sinónimo de história, a obra de Abel Botelho está, no entanto, repleta de alusões históricas sobre a crise finissecular. Emergindo da realidade, os seus romances funcionam também como expressão dessa fase e, como tal, podem ser vistos pelo historiador como ilustração da década de 90 do século XIX. O debate ideológico dessa época perpassa nas páginas do autor. Ao criar a personagem impressionante de Mateus, com todo o seu

idealismo messiânico fazia lembrar a figura do Antero de Quental da década de 70. Como já foi justamente referido, é possível que o autor do opúsculo *O que é a Internacional*, (suicidou-se em 1892) tivesse impressionado Abel Botelho que aproxima o protagonista do *Amanhã* do poeta e filósofo. O cristocêntrico Mateus caíra numa espécie de "delírio de grandeza" que também o levaria ao suicídio na sequência de uma cena de grande dramatismo e algum amor com Adriana. Não obstante isso, o contra-mestre representava a expressão de uma atitude messiânica e utópica em relação à sociedade do seu tempo. Importa, ainda, salientar que, nesta obra, o operariado da capital teve em Botelho o seu primeiro "pintor" através dos quadros realistas sobre a vida, habitação, costumes e linguagem de uma classe social que era filha da industrialização tardia do nosso país.

Os seus romances são também a expressão de uma literatura de ideias e, lendo-os, impressiona-nos a sua dimensão crítica no sentido negativo a respeito dos grupos sociais. Para além do conhecimento das suas ideias filosóficas e políticas, não conhecemos as suas propostas alternativas em relação ao pretensu decadentismo da vida coeva. Porém, tal não seria de exigir a um romancista que escolheu a ficção como campo de actividade intelectual. Em todo o caso pode perguntar-se: seria o seu republicanismo suficiente para superar o "vício aristocrático" e a "repugnância do andrajoso e infecto" que povoam as páginas dos seus livros? Ou a sociedade envolta em crise profunda não teria outra saída? Estaria ela condenada a permanecer imersa no seu estado patológico? Conduziria a doença do organismo à sua própria morte? Não o cremos... É certo que obviamente não há programa político e social na sua obra, dado que a literatura não é a política nem sequer se identifica com a ideologia. Os seus intentos eram a criação artística sintetizada numa convergência entre o belo e a verdade e não os caminhos da utopia sustentada, em geral, pela conceptualização de intelectuais comprometidos com a transformação da organização sócio-política do seu tempo. De qualquer modo, sem um bom conhecimento da sociedade não teria sido possível a Botelho escrever os romances tematicamente inovadores que nos deixou.